

O PICAPAU TRABALHA A FAVOR DOS JOVENS BRASILEIROS: EDUCAÇÃO E
CIDADANIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MONTEIRO LOBATO

by

ALESSANDRA CRISTINA LOUSADA DE CARVALHO

Under the Direction of Robert H. Moser

ABSTRACT

Monteiro Lobato is a respected Brazilian author of the early 20th century, and an acknowledged pioneer in Brazilian children's literature. This thesis analyses his literature for children, focusing in particular upon elements related to education and citizenship in Brazil. Monteiro Lobato believes emphatically that literature can and must educate children. Literature and instruction are two interconnected elements in his works, where one cannot exist without the other. Therefore, the hypothesis defended in this work states that Lobato's literature educate children seeking to improve their notion of citizenship. Nevertheless, although he uses his literary works to educate, his technique is subtle. The reader is introduced to new ideas, concepts and facts, such as philosophy or history, but without disrupting the magic experience created by the act of reading. Lobato uses this strategy because he values children's natural capability to use their imagination. Furthermore, Monteiro Lobato believes that a society such as exists in Brazil can only improve through the education of its children.

INDEX WORDS: Brazilian children's literature, Monteiro Lobato, education, citizenship, history of Brazilian children's literature, Literatura infanto-juvenil, educação, cidadania, história de literatura infanto-juvenil no Brasil, Sítio do picapau amarelo

O PICAPAU TRABALHA A FAVOR DOS JOVENS BRASILEIROS:
EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MONTEIRO
LOBATO

by

ALESSANDRA CRISTINA LOUSADA DE CARVALHO

B.S., Kennesaw State University, Estados Unidos, 2002

A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment
of the Requirements for the Degree

MASTER OF ARTS

ATHENS, GEORGIA

2006

© 2006

Alessandra Cristina Lousada de Carvalho

All Rights Reserved

O PICAPAU TRABALHA A FAVOR DOS JOVENS BRASILEIROS:
EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MONTEIRO
LOBATO

by

ALESSANDRA CRISTINA LOUSADA DE CARVALHO

Major Professor: Dr. Robert H. Moser

Committee: Dr. Susan C. Quinlan
Dr. Lesley Feracho

Electronic Version Approved:

Maureen Grasso
Dean of the Graduate School
The University of Georgia
May 2006

DEDICATÓRIA

*Cada um sabe a dor
E a delícia de ser o que é*
Caetano Veloso

Dedico esse trabalho a você, Vinícius, que sempre acreditou em mim!
Não pode haver nada mais singelo que ser esposa de alguém que acredita em você.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a Deus por ter me dado as ferramentas humanas necessárias para seguir caminhando diante de qualquer circunstância.

Obrigada, Dr. Robert H. Moser, por aceitar ser meu orientador e por me ajudar a construir esse trabalho. Gostaria de agradecer a minha banca examinadora, Dr. Robert H. Moser, Dr. Susan C. Quinlan e Dr. Lesley Feracho por sua contribuição acadêmica e paciência. Obrigada Departamento de Línguas Românicas e Dr. Amélia Hutchinson pela oportunidade de fazer parte dessa equipe.

Agradeço ao meu amigo e sobrinho, Lucas, por ter encantado minha vida com sua infância alegre e criativa, por ter me mostrado, através de suas travessuras e companheirismo, o quanto a capacidade imaginativa das crianças tem poder. Que nessa fase de transição para vida adulta você possa reconhecer o seu potencial enquanto ser humano porque você tem a sensibilidade adequada para se tornar um grande cidadão.

Em especial, quero agradecer a minha família pelo apoio nesse processo de construção da tese, sem a contribuição de vocês teria sido muito mais complicado. Minha família é tudo o que tenho de mais importante. Eu não seria nada sem o amor de vocês.

SUMÁRIO

	Página
AGRADECIMENTOS	v
CAPÍTULOS	
1 Introdução	1
2 Contextualização histórica da literatura infanto-juvenil brasileira	4
Fim do século XIX, começo do século XX: como tudo começou	4
Representatividade de Monteiro Lobato	8
Literatura entre duas grandes guerras.....	16
Literatura durante a ditadura	20
3 Algumas considerações sobre cidadania.....	24
4 Idéias de um educador-pensador de vanguarda	29
5 Como impulsionar a cidadania: o papel do Picapau	41
6 Conclusão.....	51
BIBLIOGRAFIA	58

CAPÍTULO 1

Introdução

E o mundo sem fantasmas que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, trabalho que me entenece a inteligência muito mais que você possa imaginar. Quando o vejo, a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha dorsal ao nosso invertebrado Brasil econômico, e com os seus livros arejar a inteligência do menino brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com vocêⁱ.

Anísio Teixeira

Monteiro Lobato é um autor de destaque na literatura brasileira. Sua produção literária para crianças e adolescentes é composta de 22 títulos que continuam sendo editados o que representa um volume extenso de publicações para os níveis editoriais dos anos 20. Seu trabalho literário infanto-juvenil é caracterizado pela forte presença de material pedagógico. Entre 1921 e 1928 Monteiro Lobato produziu os primeiros contos infanto-juvenis que eventualmente fariam parte da série *Sítio do picapau amarelo*. Entre esses contos, *Fábulas de Narizinho*, *Narizinho arrebitado* e *O noivado de Narizinho* se destacam por fazerem parte do primeiro livro infanto-juvenil publicado em 1931, *As reinações de Narizinho*. *O Saci*, livro de forte teor filosófico e cultura popular, foi publicado em 1932. Nesse mesmo período Lobato publicou várias adaptações de livros estrangeiros como *Peter Pan* de J. M. Barrie, *Robinson Crusoe* de Laemmert e *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll. Em 1933 publicou outros dois livros que se destacam por sua ousadia em censurar a humanidade e a sociedade brasileira: *História do mundo para as crianças* e *Caçadas de Pedrinho*. Lobato segue publicando literatura infanto-juvenil e adaptações de obras estrangeiras até 1942 quando publica seu último trabalho *A chave do tamanho*, crítica a Segunda Guerra Mundial. Para elaborar essa séria literária, Monteiro

Lobato utilizou fatos históricos, ficção, material paradidático como geografia, astronomia e outros, adaptações de literatura estrangeiras e, sobretudo, o conhecimento popular como material para elaborar suas aventuras.

Lobato produziu obras para adultos e crianças. Mas seu trabalho não se limitou apenas à produção de literatura. Ele também escreveu críticas literárias, inúmeros prefácios e deu entrevistas sobre assuntos variados como política, educação, literatura, petróleo, economia e arte. Sua correspondência pessoal foi extensa e contribui para análise desse importante literato. Além de escritor, Lobato foi editor e inovou o mercado editorial brasileiro dando oportunidade aos autores desconhecidos de publicarem pela primeira vez. Lobato era um homem espirituoso de gênio aguçado e sensível. Apaixonado por natureza, seguia seus ideais e tinha esperança que o Brasil seria o país do futuro, porém expressava suas opiniões francamente e criticou severamente a sociedade e o governo brasileiro.

O título “o Picapau trabalha a favor da população infanto-juvenil,” sintetiza minha hipótese. O autor Monteiro Lobato, sua série literária *Sítio do picapau amarelo* produzida entre os anos de 1931 e 1942, bem como as personagens do sítio de dona Benta buscam educar os jovens brasileiros.

Por trás das fantasiosas histórias da turma do sítio do Picapau amarelo, Lobato propõe um projeto educacional que busca estimular a cidadania. Dona Benta, senhora branca, proprietária do sítio com mais de 60 anos de idade acredita na imaginação das crianças e a usa como instrumento para instruir, Narizinho, menina inteligente, aventureira é a prima sensata de Pedrinho, personagem que possui um espírito livre é muito corajoso. Emília, a boneca impertinente, e o sábio Visconde de Sabugosa são as criações de tia Nastácia, a cozinheira negra do sítio que representa o povo. Essa turma vive no Picapau Amarelo, um sítio onde a imaginação

não tem limites. As personagens do sítio se aventuram pelo mundo através da fantasia. Em geral essas aventuras são acompanhadas de aprendizados que estão interligados a fábula criada pelo autor. Na verdade, a imaginação e a fantasia são as ferramentas principais a serem usadas na formação do jovem cidadão. Criativamente Monteiro Lobato constrói um mundo fictício que sutilmente educa os leitores por meio da literatura. Essa educação abrange esferas distintas que vão desde filosofia a questionamentos da ordem social vigente. Através dessa dualidade Lobato conduz o leitor ao objetivo principal: cidadania. Uma cidadania capaz de conduzir o indivíduo a ser dono de sua própria história e apto a contribuir para o crescimento do país. A educação presente em sua obra gera cidadania porque induz o leitor a reflexão e propagação do conhecimento. Para Monteiro Lobato, o saber é fundamental ao desenvolvimento do jovem porque através do acúmulo de informação e manejo crítico o jovem desenvolverá plenamente seu potencial enquanto cidadão.

Minha contribuição acadêmica foi identificar as conexões entre os elementos educação e cidadania na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. Esse tópico foi desenvolvido através da contextualização histórica da literatura infanto-juvenil no Brasil. O segundo capítulo dedica-se a uma breve análise do conceito de cidadania e suas variações na sociedade e na literatura brasileira. Para complementar esse estudo, algumas idéias, posições políticas e intelectuais de Monteiro Lobato foram examinadas através de suas cartas pessoais enviadas aos amigos, Anísio Teixeira e Godofredo Rangel. As inúmeras entrevistas, prefácios e críticas publicadas durante sua vida foram pesquisadas para complementar essa discussão.

CAPÍTULO 2

Contextualização histórica da literatura infanto-juvenil brasileira

Para se caracterizar a história da literatura infanto-juvenil é importante considerar alguns episódios indispensáveis: seus principais agentes mobilizadores e os fatores, político-econômicos e sócio-culturais que a influenciaram e moldaram enquanto fenômeno artístico. Da mesma forma, é essencial destacar os momentos literários mais marcantes, verificando a origem das primeiras narrativas para crianças e adolescentes e identificando como o folclore, a cultura do negro, do europeu e do índio influenciou na propagação desse tipo de ficção. Para desenvolver essa análise o livro de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *Um Brasil para crianças, para conhecer a literatura infantil Brasileira: histórias, autores e textos* (1986), apresenta uma argumentação pertinente a esse estudo. Para complementar essa contextualização histórica, o artigo de Julie Kline *From the Ground up: the Flourishing of Children's and Young Adult Literature in Brazil* (1985) também contém argumentos associados ao tema.

Fim do século XIX, começo do século XX: como tudo começou

A história de literatura infantil no Brasil tem raízes nos contos e lendas europeus, sobretudo os portugueses. Lajolo e Zilberman citam que “eram os clássicos infantis europeus que forneciam o material para as adaptações e traduções que precedem a produção brasileira” (17). Dentre esses clássicos europeus que influenciaram a ficção nacional os textos clássicos da literatura árabe publicados pela primeira vez no final do século 13, *Contos seletos das mil e uma noites*, *As aventuras do celeberrimo Barão Münchhausen* publicadas em 1891 e *Robinson*

Crusoé de Daniel Defoe (1719), todos traduzidos por Carlos Jansen no final do século XIX, se destacam (17).

Em segunda esfera, a literatura infanto-juvenil começou a se desenvolver no final do século XIX. No entanto, parece haver um consenso entre os atuais estudiosos que Monteiro Lobato foi o pioneiro desse fenômeno no início do século XX. Houve algumas produções anteriormente a essa etapa, contudo quase todas fortemente influenciadas pela cultura européia. Além de seu caráter inovador, a obra de Lobato se destaca pelo seu mérito duradouro e por incitar a formação da cidadania através de estratégias educacionais.

Lajolo e Zilberman afirmam que o nascimento da literatura brasileira para jovens aconteceu entre os anos de 1890-1920. A ficção desse momento nunca deixou de apresentar raízes européias, mas apresenta também influências folclóricas em virtude do contato do homem europeu com o índio e o negro africano. Já nesse momento as tradições africanas, o legado da escravidão e a cultura indígena influenciavam a formação da sociedade brasileira, por conseguinte, a produção literária.

Anteriormente a esse período, a literatura consistia apenas em traduções de autores estrangeiros e publicações de obras portuguesas sem um contexto apropriado para a cultura dos trópicos. No fim do século XIX surgiram iniciativas de se criar traduções com versões nacionais. Essas iniciativas começaram com as publicações de Carlos Jansen, alemão, naturalizado brasileiro. Jansen não só traduziu, mas abrazeirou as narrativas (17). Abrazeirar, nesse sentido, é dar a uma peça estrangeira, características pertinentes à cultura vernácula. Os textos não são apenas traduzidos mecanicamente de sua língua original para o português. São adaptados aos interesses intelectuais do público consumidor. Não perdem suas particularidades originais, todavia tomam formas brasileiras.

A literatura infanto-juvenil está intimamente ligada aos acontecimentos político-econômicos e sócio-culturais ocorridos no Brasil nas respectivas épocas. Nessa primeira fase, Lajolo e Zilberman alegam que a abolição da escravidão, o advento da República e suas resultantes: o surgimento da classe média, os investimentos de modernização e urbanização em áreas mais populosas, a formação do operariado fortemente mobilizada pelos imigrantes foram fatores que influenciaram o aparecimento desse novo gênero. Para se impor mais na esfera internacional, a pátria buscou se desenvolver, a população urbana aumentou, o serviço escravo passou a ser substituído pela mão-de-obra imigrante, trazendo consigo novas perspectivas e idéias (15). O efeito imediato de tudo isso foi o aumento da população jovem à medida que o país cresceu e se desenvolveu. Portanto, em função das novas estruturas sociais, há um maior esclarecimento da população em relação aos seus direitos. Com o aumento considerável do número de jovens inseridos na escola, surge a obrigação de educá-los e também aumenta a demanda pela arte em geral.

Por outro lado, Julie Kline em seu artigo declara que a transferência da corte portuguesa a colônia latino-americana em 1808 trouxe consigo novidades e teve um papel imprescindível na constituição cultural da sociedade brasileira. Os membros da corte portuguesa e seus acompanhantes aumentaram consideravelmente a população do Rio de Janeiro, sobretudo à população alfabetizada. Por conseguinte, eles procuraram meios para terem acesso ao mesmo refinamento disponível na Europa. O acesso à literatura, entre outras coisas, foi um dos principais requerimentos desse novo público. Outros fenômenos decorrentes à transferência da corte afetaram drasticamente o surgimento da literatura infantil. Um deles foi à importância que a família real dava ao ensino fundamental e médio. Houve também o advento de escolas ligadas à igreja, e.g., as escolas religiosas também possibilitaram o acesso aos livros cuja demanda

aumentou em suas instituições (3). A ligação da escola e a procura por publicações são dois acontecimentos intimamente relacionados ao desenvolvimento da literatura infanto-juvenil.

Contudo, as transformações da sociedade ocorridas durante essa época, não alcançaram a nação por completo. Essas variações atingiram em grande parte a elite. Os setores rurais e de baixa renda foram excluídos. Nesse sentido, é tendencioso concluir que o avanço da literatura direcionada a mocidade assumiu, de certa forma, as mesmas proporções. Os mesmos grupos rurais que foram excluídos do processo de modernização não tiveram o mesmo acesso à produção do período.

Consequentemente, o contexto sócio-cultural reflete na produção literária. A ficção dessa época é marcada pelo conservadorismo. Lajolo e Zilberman expõem que esse caráter conservador presente nas publicações é atribuído aos padrões europeus a que a literatura brasileira ainda estava intimamente ligada e também ao protótipo cívico-pedagógico que a molda desde o princípio. Caracterizada pelas adaptações brasileiras de narrativas estrangeiras, a adaptação lingüística das obras européias foi um passo acertado porque em parte agradou ao público nacional. Reafirmando então o sucesso do trabalho de Carlos Jansen em abrigar os textos traduzidos que segundo Lobato fez excelentes traduções (17).

O modelo cívico-pedagógico, termo usado por Lajolo e Zilberman para definir a influência do Estado na literatura infanto-juvenil brasileira, teve forte poder de intervenção na produção dessa etapa. Não só facilitou a expansão, mas promoveu sua inserção nas escolas. Para cumprir com as exigências pedagógicas escolares, os objetivos políticos e difundir suas idéias, os autores se viram presos ao conservadorismo e foram moldando seus escritos de acordo com essas tendências.

Lajolo e Zilberman sugerem que a “literatura infantil se converte facilmente em instrumento de difusão das imagens de grandeza e modernidade” (18). Para exemplificar esse protótipo cívico-pedagógico patrocinado pelo estado, várias técnicas foram utilizadas pelos autores, entre elas, a exaltação da natureza, da língua nacional e consagração dos episódios históricos. Exemplos clássicos dessa glorificação estão nos versos do “Hino à Pátria” (1912), de Francisca Júlia e nos contos “A pobre cega” (1925), de Júlia Lopes de Almeida (19). Francisca Júlia e Júlia Lopes de Almeida representam a primeira fase da literatura infanto-juvenil.

Carlos Jansen foi um dos principais agentes desse período. Além das obras citadas anteriormente, ele foi um representativo significativo porque seu trabalho literário teve boa aceitação e apresentava características eruditas plausíveis. Jansen adaptava o texto e não impunha estrangeirismos, estratégia que a sociedade já estava cansada. Outros nomes eminentes que representam essa época são os de João Ribeiro que em 1891 traduziu *Cuore* e Olavo Bilac aparece em 1910 com uma adaptação de Wilhelm Busch, *Juca e Chico*. Figueiredo Pimentel foi o responsável pelas traduções bem sucedidas dos *Contos da carochinha*, *Histórias da avozinha*, *Contos de fadas* e *Histórias da baratinha* em 1952 (Lajolo e Zilberman, 17-18).

Representatividade de Monteiro Lobato

A segunda etapa da literatura infanto-juvenil brasileira, caracterizada por Lajolo e Zilberman entre os anos de 1920 e 1945 é consagrada pelas publicações de Monteiro Lobato. Esse período se desenvolveu exatamente entre o fim da Primeira Guerra Mundial, 1918 e o desenrolar da Segunda, 1939-1945.

Essa fase também é marcada pelo rompimento com a literatura infanto-juvenil puramente de adaptação e de tradução. O país passa a produzir livros infantis de caráter nacional, buscando ressaltar as belezas geográficas, o nacionalismo e orgulho patriótico; assim como os problemas

da terra, no caso de Monteiro Lobato e Graciliano Ramos que se destacam entre os demais autores pela criatividade em criticar os problemas pátrios (Lajolo e Zilberman, 20).

Kline alega que no começo dos anos 20, Monteiro Lobato faz as primeiras críticas a qualidade das traduções disponíveis no mercado e essa afirmação é confirmada em uma de suas cartas a Godofredo Rangel publicada em *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel* (1943) onde ele professa: “estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos que refazer tudo isso, abrigar a linguagem” (453).

Nessa declaração, Lobato demonstra a imperiosidade de se criar uma literatura genuinamente nacional. No entanto, não será fácil romper radicalmente com as influências européias, visto como as raízes culturais e históricas brasileiras estão intimamente ligadas a Europa. Por outro lado, a literatura infanto-juvenil começa a se distanciar da européia já que continua a incorporar a herança indígena dos trópicos e a permanente intervenção africana que começou com José de Alencar. Monteiro Lobato em *Críticas e outras notas* (1965) faz alusão a importância de Alencar para o desenvolvimento da literatura brasileira assegurando ser ele o autor pioneiro que criou uma literatura distanciada das influências portuguesas (5). O movimento literário modernista dos anos 20 vai confirmar essa tendência tanto na literatura infanto-juvenil como na literatura em geral.

O rompimento com a influência estrangeira na literatura infanto-juvenil foi fortalecido com o amadurecimento da República. A República de 1889 ofereceu a sociedade brasileira alternativas sócio-culturais arrojadas. O país estava vivendo sob um novo regime político e isso gerava esperança. A independência econômica e o progresso do Brasil eram almejados pela população e o governo. Todavia, o fim da escravidão no ano anterior, em 1888, iria alterar esses

aspectos sócio-culturais, portanto não alteraria muito a situação dos negros. Os negros podiam participar legalmente da vida sócio-econômica do país, contudo, na prática eles foram isolados e a mão-de-obra escrava aos poucos foi sendo substituída pelo serviço do imigrante. Os negros ficaram então instalados no que futuramente veio a ser as favelas brasileiras. Em geral, estavam sempre aparte do processo de constituição da pátria. A modernização seria inevitável em virtude da necessidade de explorar o petróleo e outros minerais. Surge nesse período a Petrobras para explorar o petróleo, a siderúrgica Companhia Siderurgia Nacional e a mineradora Vale do Rio Doce apontando os rumos de modernização.

No entanto, 30 anos após a proclamação da República, a sociedade percebeu que o regime político mudou de monarquia para República, não obstante o grupo dominante que controlava a política e o governo não foi significativamente alterado. O país continuava sendo governado pelos mesmos grupos que lideravam a antiga monarquia. Em virtude dessas circunstâncias, a burguesia urbana começou a reivindicar inovações na sociedade, passaram a exigir mais concessões políticas e econômicas do governo. Tudo isso foi o cenário precursor do movimento revolucionário ocorrido em 1930; liderado por Getúlio Vargas que viria a ser um dos ditadores do Brasil por quinze anos. O governo de Vargas atende a algumas demandas da burguesia urbana, incentiva a modernização, porém adota medidas próprias para atender aos interesses particulares de seu governo. A industrialização da região Centro-Sul é impulsionada e o ensino é reformado. Com a reforma do ensino, a população urbana de baixa renda tem mais acesso a instrução, aumentando assim o número de estudantes e o acesso aos livros de literatura que já vinham sendo introduzidos nas escolas como material didático, e fortemente usados nessa segunda etapa. Embora o número de estudantes tenha aumentado significativamente, isso não alterou a situação escolar de todos os membros da sociedade. Os negros e os índios, em sua

maioria, continuavam isolados. Nada obstante, o Coronelismo, latifundiários que controlavam a economia e a política, é mantido nas regiões não centrais entre elas o Nordeste (Lajolo e Zilberman, 59-60).

No campo mundial, o fim da Primeira Guerra popularizou vários movimentos de vanguarda entre eles o Cubismo, o Surrealismo e o Dadaísmo que se tornaram conhecidos no Brasil. Por outro lado, o advento do rádio, o progresso da tecnologia de comunicação, o aumento das impressões e distribuições de livros e investimentos nas áreas editoriais, a modernização das metas artísticas, assim como a expansão do cinema foram fatores meritórios que facilitaram e estimularam a produção artística nacional.

Monteiro Lobato inovou o mercado editorial brasileiro com duas medidas surpreendentes. Essas medidas aumentaram o consumo de livros em todo o país e trouxeram ao mercado literário novos escritores que até então estavam engavetados. A editora de Lobato somente publicava autores desconhecidos e se negava a publicar os autores renomados exatamente para dar oportunidade aos bons escritores que não publicavam por falta de um padrinho. Uma outra medida bastante empreendedora foi o aumento do número de distribuidores. Segundo Lobato em *Prefácios e entrevistas* (1946), quando inaugurou sua editora, em 1918, o Brasil tinha apenas 40 livrarias. Com esse número tão reduzido de distribuidores seria impossível disseminar literatura para todos. Ele então fez uma proposta aos pequenos comerciantes espalhados pelo território nacional. Eles deveriam vender, além de seus produtos corriqueiros, livros por consignação. Assim, açougues, mercados, bancas de jornais, papelaria, farmácia, e outros comércios passaram a vender os livros de Monteiro Lobato aumentando o número de distribuidores de 40 para 1200. O público consumiu todos os trabalhos publicados pela editora, surgindo assim um novo empreendimento – o editorial (213).

Na esfera político-social, a renovação da sociedade aconteceu dentro de uma conciliação entre o moderno e o tradicional. Em outras palavras, a modernidade, e o progresso foram estabelecidos entre alguns setores da sociedade e em outros não ocorreu o mesmo. As alterações sociais ocorreram unilateralmente. Mais uma vez o Brasil passa por transformações sócio-políticas e os setores menos desenvolvidos da população continuaram excluídos. Como consequência imediata, no domínio das artes, isso não foi diferente. Nesse período, a burguesia urbana foi a mais beneficiada com o advento da arte em geral. Contudo, a arte também se massificou segundo Lajolo e Zilberman. Embora essa massificação não tenha sido em proporções iguais para toda a população, a arte amenizou as diferenças anteriores (61). Foi através da escola e do carnaval, que a arte alcançou outras parcelas da sociedade: o negro, antes isolado, passou a ter alguma voz na arte. O índio, entretanto, ainda não havia alcançado as mesmas conquistas do negro.

A escola e o carnaval foram os dois agentes facilitadores na propagação da literatura infanto-juvenil e da cultura popular respectivamente. As escolas religiosas, em geral privadas, e as escolas públicas possibilitaram o seu avanço enquanto que o carnaval possibilitou o fortalecimento da literatura de caráter popular. Os dois foram eventos independentes entre si, apesar disso ambos foram facilitadores na massificação da arte. A literatura popular teve nas escolas de samba do Rio de Janeiro seu principal aliado. Nos anos 20, grupos suburbanos controlados pelo governo populista eram incentivados a produzir trabalhos de cunho popular que foram eficientemente divulgados pelas escolas de samba. O material direcionado ao jovens também passou por um evento semelhante, entretanto não teve uma origem popular e não foi um movimento espontâneo; foi um acontecimento imposto de cima para baixo. Os autores de livros

infantis do período de transição entre os séculos XIX e XX induziram esse episódio (Lajolo e Zilberman, 61).

Com os sucessos de Tales de Andrade e Monteiro Lobato, ambos autores infanto-juvenis, a literatura alcançou os incentivos indispensáveis para sua legitimidade. Todavia, esses êxitos no campo literário ainda não foram suficientes para garantir total autonomia da literatura infanto-juvenil. O fenômeno não foi acompanhado de afirmação artística para todos os escritores da época. Ou seja, autores de livros infantis bem sucedidos não eram necessariamente considerados grandes literatos por alguns críticos (Lajolo e Zilberman, 62). Esse fenômeno aconteceu porque os livros eram utilizados pelo Estado como ferramenta para ampliar o controle estatal e para difundir idéias governistas. Muitos autores eram reduzidos ao ostracismo literário porque seus trabalhos não apresentavam qualidades pertinentes para se destacar nesse campo segundo a crítica. Acontece que alguns escritores, como Monteiro Lobato, apresentavam publicações de qualidade e conseguiam sorrateiramente fugir do controle governamental. Apesar do controle estatal, o mercado escolar foi o legitimador mais representativo dessa literatura. O controle do Estado foi relevante, uma vez que, os textos precisavam adquirir características aceitáveis aos programas curriculares. Em muitos casos, a fantasia e a criatividade foram indiretamente ajustadas para se adequarem a exigências do Estado que patrocinava a idéia de nacionalismo.

A estética que se destaca é baseada na expressão oral e popular dos grupos urbanos. No que diz respeito à semântica e sintaxe, Lajolo e Zilberman mencionam que o recorrente uso de linguagem modelar foi abandonado em virtude do coloquial, inculto e atual. A valorização do contemporâneo foi um recurso peculiar da época, ricamente utilizado por Monteiro Lobato. Outra característica pertinente à obra literária de Monteiro Lobato está relacionada à presença de técnicas Modernistas, movimento artístico e literário iniciado no começo dos anos 20 no Brasil.

Modernismo foi um fenômeno de vanguarda que revolucionou a sociedade brasileira, cuja existência foi breve, contudo deixando inúmeras contribuições nos campos da literatura, poesia, música, pintura e inovações tecnológicas. A arte modernista, em geral, é uma arte polêmica, destruidora e inovadora que influencia artistas e intelectuais das gerações futuras.

Com sua obra Monteiro Lobato construiu personagens de acordo com a atualidade. Soube inovar, apresentando personagens que fugiam completamente ao modelo padrão. Os cenários e a ação são situados em potências emergentes, entre elas, os Estados Unidos, a Europa, e o Brasil (63). Os temas são modernos e polêmicos, no caso da Segunda Guerra Mundial em *A chave do tamanho* (1942). No entanto, outros são históricos, polêmicos e relevantes para a atualidade como os temas presentes em *História do mundo para as crianças* (1933).

O Nativismo foi um tema bastante explorado em conjunto com atitudes nacionalistas rigorosas e poderosas que invadiram todas as culturas sendo claramente incorporada na literatura (Lajolo e Zilberman, 63). Esse tópico também é desenvolvido em *Caçadas de Pedrinho* (1933). O mundo rural enquanto espaço torna-se eminente, sendo abordado por pontos de vistas diferentes, enquanto que são feitas poucas alusões ao espaço urbano. Em *Caçadas de Pedrinho* a ação acontece no sítio de dona Benta, mundo totalmente rural o mesmo acontece em *Reinações de Narizinho* (1931), *A reforma da natureza* (1939), *O Saci* (1932). Mesmo que haja um predomínio do mundo rural, é visível o início de sua decadência indicando as metamorfoses sociais que estão ocorrendo no momento.

Em geral, nos textos estão presentes histórias de origem folclórica, contudo a realidade original dos contos é conteúdo desconhecido. Grande parte das obras literárias está de alguma forma ligada ao conteúdo pedagógico visto que o consumo escolar foi o principal legitimador desse tipo de literatura na primeira fase e também tem ativa participação na segunda. As

personagens centrais, nas obras de Lobato, são crianças, velhas, negros, vaqueiros aposentados, ex-escravos. Em resumo são indivíduos à margem da sociedade. No cômputo geral, Lajolo e Zilberman afirmam que:

Mesmo com limites de ordem narrativa, a literatura nunca deixou de se integrar à sua época e representá-la à sua maneira. Posicionou-se perante seus projetos e beneficiou-se de alguns. Se grande parte das obras hoje desagrada, cumpre lembrar que, em seu tempo, foram apreciadas e até estimuladas. Resta ver, nas etapas subseqüentes de sua história, até que ponto a tendência se manteve ou se alterou; e, caso isso tenha ocorrido, que mecanismos (literários ou não) possibilitam a mudança desejada (67).

Nessa análise de Lajolo e Zilberman elas não discutem a quem a literatura dessa época desagrada e não separam quais são os autores que escapam a essa classificação. Visto que a importância e o valor do trabalho de Monteiro Lobato são significativos para a literatura infantil moderna, é seguro dizer que provavelmente sua obra esteja fora dessa classificação. No entanto, muitos outros autores de renome fizeram parte desse movimento. Graciliano Ramos foi um outro autor que também seguiu escrevendo seus textos e buscou fugir do controle do Estado sustentam Lajolo e Zilberman (66).

Lobato quando escreve histórias infanto-juvenis usa os textos literários e as histórias imaginárias como estratégias de educação. Em outras palavras, dentro de sua narrativa, inseridos nas histórias fictícias há várias temáticas educacionais, sociais e até problemáticas mundiais. Os trabalhos dele na série *Sítio do picapau amarelo* não são apenas narrações literárias com um aguçado uso de histórias imaginárias. Os textos contêm um forte teor educacional. Reynaldo Alvarez em *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo* (1982) ratifica que “além de não tornar

enfadonha a História Universal, Lobato introduz elementos de compreensão de todo o processo, de modo que a criança abarque a totalidade da grande aventura humana” (17).

Alvarez propõem que Monteiro Lobato apresenta em seus textos várias questões pedagógicas e questões para revolucionar a estrutura educacional vigente. O primeiro exemplo apresentado se refere às estruturas patriarcais da sociedade brasileira. Estas estruturas sociais estão sendo desafiadas por Lobato, visto que ele conecta a sabedoria a uma senhora idosa, um sabugo de milho com título de nobreza e um rinoceronte pachorrento, tudo isso acontece num ambiente rural reconhecidamente patriarcal (10). Porém esse patriarcalismo é desafiado por ele na figura de dona Benta, senhora idosa e autônoma, Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho cientista e um rinoceronte africano muito inteligente que transmite conhecimento aos meninos do sítio.

Literatura entre duas grandes guerras

O terceiro período da literatura brasileira é classificado por Lajolo e Zilberman como a época em que a literatura infantil brasileira civiliza-se. . . Abrangendo os anos de 1945 e 1965 (125). A “literatura infanto-juvenil brasileira civiliza-se,” expressão usada pelas autoras, talvez, para indicar a mudança do espaço rural ao urbano. Entretanto, parece questionável essa alusão já que as discussões sobre o que é civilidade são sempre contraditórias e abrangem esferas filosóficas muito além de uma mera variação do espaço físico na literatura. A interpretação sugerida, não obstante, é que as autoras qualificam esse momento entre o instante em que a literatura para crianças e adolescentes passou a usar a esfera urbana como principal referencial para ação e espaço.

Marcada historicamente pelas seqüelas político-econômicas, e sócio-culturais da Segunda Guerra Mundial que acabou em 1945 e deixou resultados irrefutáveis em todo o mundo. Essas

conjunções estão presentes na literatura em geral. Getúlio Vargas em 1942 acaba apoiando os aliados e o Brasil passa a desenvolver um relacionamento diplomático mais cordial com os Estados Unidos. É nessa era que Walt Disney cria o personagem Zé Carioca, considerado símbolo da nacionalidade brasileira (Lajolo e Zilberman,123). É curioso notar que sendo Zé Carioca uma criação estrangeira, porque é a caricatura que representa a ‘nacionalidade brasileira’ para os brasileiros? Atitude um tanto contraditória. Porém, isso mostra a influência que a cultura norte-americana terá no Brasil e no mundo.

Monteiro Lobato também concordaria com essa afirmação em uma de suas cartas a Anísio Teixeira, educador brasileiro. Ambos viveram em Nova Iorque na mesma época. A correspondência entre eles foi publicada em *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato* (1986). Numa dessas cartas Lobato professa que “um dia de New York vale uma vida no Brasil” (33). Em outra carta a Anísio Teixeira, ele se expressa claramente em relação aos Estados Unidos e sua visão de mundo:

Está notando lá a falta destes fluidos. Tudo velho, tudo amarrado ao passado e se não andando de costas voltadas para a frente como nós, andando de lado. Isto de andar para a frente, de cabeça erguida, olhos postos dez milhas além, creio que só na nossa América. Digo nossa porque a víamos de um modo um tanto diferente dos outros brasileiros e também de muitos americanos (40).

As seqüelas de medo, destruição e horror deixadas pela Segunda Grande Guerra e o Nazismo afetaram o planeta e o Brasil não ficou fora. O medo de possíveis combates nucleares transformara as sociedades. Os países buscavam se desenvolver e se manterem no poder. Para isso era preciso acompanhar as transições tecnológicas havendo então certa obrigação de se modernizar e os Estados Unidos era o exemplo para muitas nações. Os Estados Unidos era o

modelo cultural, na opinião de Lobato. Modelo esse mundialmente representado pela cidade de Nova Iorque. A influência da cultura norte-americana no trabalho de Lobato é evidente porque sempre faz referência a ela a usou-a na ação de suas narrações. Nos livros, *Geografia de dona Benta* (1935) e *A chave do tamanho* a turminha visita os Estados Unidos e conhecem mais sobre essa cultura imperialista.

Lajolo e Zilberman mencionam que os produtos industrializados norte-americanos começaram a invadir o Brasil gradativamente sendo muitas vezes considerados superiores aos produtos nacionais não por uma questão qualitativa, e sim pelo status que representavam (124). O cinema, a música são dois exemplos clássicos dos produtos norte-americanos consumidos nessa época. Logo de imediato, produtos da moda norte-americana na figura do jeans, o comportamento dos jovens, suas novas liberdades sexuais respaldado pela pílula, e até mesmo a alimentação com coca-cola passaram a ser consumidos em grande escala. Os comerciais televisionados eram direcionados ao paladar da elite, enquanto que as camadas mais populares consumiam produtos veiculados pelo rádio como as chanchadas.

Na arena cultural, as mudanças foram impulsionadas pelas transformações nas esferas políticas. Lajolo e Zilberman argumentam que o Brasil estava do lado vencedor – Estados Unidos – consequentemente todas as suas expressões artísticas precisavam ser modernas e refinadas para fazer jus ao novo status da nação. Acarretando uma adesão elevada aos padrões considerados requintados havendo uma separação entre o popular e o erudito (125). A arte popular foi sendo cada vez mais expandida e consumida nas escolas de samba, nos subúrbios das grandes cidades, nas favelas e o erudito, em geral, era apenas consumido pela sociedade burguesa havendo uma separação gigantesca entre os dois grupos.

Politicamente esse foi um período conturbado. Na esfera mundial a guerra fria nasce entre capitalistas e socialistas. O mundo se vê dividido em dois grandes blocos inimigos. Nos meandros de 1945, vários movimentos populares agitaram o Brasil surgindo daí entidades novas, muitas vezes condizentes com as idéias comunistas. A UNE, União Nacional Estudantil e o Partido Trabalhista Brasileiro nascem. Com as constantes ameaças que seu governo vinha sofrendo, Getúlio Vargas foi obrigado a marcar as eleições presidenciais para o segundo semestre e acaba sendo deposto por um golpe militar. Marechal Dutra é eleito, o Brasil tem então uma nova Constituição e a nação viverá alguns anos de democracia. Vargas volta ao poder através das eleições, porém o perde cinco anos depois quando se suicida em 1954. Durante os governos de Juscelino Kubitschek ao governo de João Goulart a população estava otimista com o destino do país quando o golpe militar de 1964 mudou a história da democracia em terras brasileiras por vinte anos. Com o objetivo de combater o comunismo no Brasil e apoiados financeira, logística e militarmente pelos Estados Unidos o golpe militar se instala.

A literatura é caracterizada por romances mais experimentais. Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Autran Dourado são precursores desse novo movimento. O interior das personagens é o alvo principal desse estilo literário. Com isso, a literatura se torna menos popular tendo seu público muito restrito. Nesse período o erudito e o popular continuam separados da mesma forma que estavam na fase anterior (Lajolo e Zilberman, 125).

O Estado ainda tinha sua participação na literatura para crianças e adolescentes, pois o modelo nacionalista anteriormente usado mantinha sua influência com o respaldo do modelo educativo que continuava a vigorar nas escolas. Apesar disso, uma outra tendência começou a surgir independentemente. Essa nova inclinação tenta fugir da associação popular, que na época era indesejável porque representava atraso. A ação nessa fase também acontece no mundo rural,

onde assume conotações diferentes da anterior que se passava nas fazendas e sítios. Agora esse ambiente rural é mais simbólico ou apenas um lugar passageiro, de descanso para as personagens. Paralelamente isso representa as mudanças sociais. O meio rural deixou de ser o grande centro porque o país já era efetivamente urbano (Lajolo e Zilberman, 127).

Jeronymo Monteiro, influenciado por Lobato é um nome que se destaca nessa época. Ele apresenta obras que fogem do controle estatal. Seu trabalho está comprometido com as tradições e não é nada ufanista, ou seja, era material rejeitado pelos educadores por serem incontroláveis (Lajolo e Zilberman, 129). Muitas vezes suas personagens são aventureiros inescrupulosos que querem conquistar a América selvagem a qualquer preço. Para ele, o índio é a vítima do homem branco. É o índio quem realmente conhece a terra que agora está sendo civilizada pelo homem urbano. Seus livros *3 meses no século 81* (1947), *Corumi, o menino selvagem* (1956) e *Bumba, o boneco que quis virar gente* são textos que exemplificam essa tendência que busca fugir um pouco do ufanismo muitas vezes incentivado pelo Estado.

Literatura durante a ditadura

O período referente à quarta fase é datado por Lajolo e Zilberman entre os anos de 1965 e 1980, o Brasil estava sob o controle dos militares e a liberdade de expressão não era mais um privilégio da população. É nessa época que se percebe os resultados positivos dos esforços praticados pelos escritores pioneiros no campo da literatura infanto-juvenil no Brasil. Após quase cem anos depois das primeiras publicações de adaptações européias e traduções, a produção literária no Brasil já havia crescido consideravelmente (Lajolo e Zilberman, 171).

No que diz respeito à história, com o golpe militar que derrubou João Goulart os militares assume o poder e o país se fecha politicamente. A sociedade civil recebe várias imposições quanto à liberdade de expressão e direitos civis. O Ato Institucional 5 desencadeou a luta armada

entre os militares e civis que se tornaram guerrilheiros. As transições começaram lentamente em 74 com Ernesto Geisel e se concretizaram com João Figueiredo que assinou uma anistia. Essa anistia isentava os guerrilheiros de esquerda de qualquer crime político e permitia a volta dos exilados ao país sem nenhuma punição judicial. Entretanto, também beneficiava os torturadores e terroristas de direita deixando-os isentos de seus crimes. No da década de 80 várias manifestações populares são desencadeadas por líderes sindicais, estudantes, intelectuais, etc. e começa a luta pelas Diretas Já!, movimento que lutou pela volta da democracia e pelas eleições presidenciais. Finalmente em 85 o Colégio Eleitoral elege o primeiro presidente civil depois de 20 anos. Tancredo Neves morre e José Sarney se torna presidente. Em 1989, depois de muitos anos o Brasil elege novamente seu presidente, Fernando Collor de Mello foi impedido de governar em virtude da exacerbada corrupção no seu governo. Fernando Henrique Cardoso é eleito presidente em 1994 e muda os rumos do país com medidas econômicas mais maduras. Presidente por 8 anos, entrega a faixa presidencial em 2002 ao atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva que busca alterar o quadro de pobreza, não obstante se vê impossibilitado em virtude da corrupção que ainda impera e da necessidade de manter uma economia mais estável.

Nessa fase, o capitalismo se consolida, porém se acentua as diferenças sócio-econômicas entre ricos, classe média e pobres. As diferenças sociais são marcantes entre aqueles que usufruem da modernização já alcançada pelo país desde os anos 60 e aqueles que não têm acesso a ela. Um bom exemplo dessas diferenças de classe está entre aqueles que usam a tecnologia digital. A internet e o computador hoje em dia são produtos de consumo essenciais para qualquer estudante, apesar disso nem todos têm fácil acesso e esse tipo de tecnologia.

Ao mesmo tempo em que a política cultural assume traços de vanguarda; a literária possui instituições que a fortalece e convalida além da escola e da forte influência estatal, como

ocorreu no início de seu crescimento, proporcionando as novas publicações maior legitimidade (Lajolo e Zilberman, 1971). Esse crescimento representa um avanço muito grande na qualidade dos livros infanto-juvenis consumidos nessa época colocando o Brasil em posição de destaque. Desde então, vários autores de literatura infanto-juvenil brasileiros vêm sendo premiados nacional e internacionalmente. Entre eles se destaca Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado. Ana Maria Machado recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, equivalente ao Nobel de literatura, pelo conjunto de toda sua obra. Tudo isso graças à evolução do setor editorial no país.

Com o fim da ditadura militar, autores passam a ter mais liberdade de expressão e retratam temas muitas vezes controversos sendo que o suicídio, a situação de meninos e meninas de rua, a ditadura militar são apenas alguns exemplos. *Meu amigo pintor* (1987) de Lygia Bojunga Nunes fala sobre o suicídio e a ditadura. *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) é um outro livro que retrata em parte os acontecimentos relacionados a ditadura, ao exílio, além de elementos sobre os relacionamentos humanos. A ecologia e o desenvolvimento sustentável estão em *Na praia e no luar, tartaruga quer o mar* (1993) ambos de Ana Maria Machado. Henry Corrêa de Araújo escreve *Pivete* (1977), inovando completamente a temática com meninos e meninas de rua. O país assume uma posição de liderança em produções literárias infanto-juvenis em relação à América Latina se destacando entre os principais países produtores desse tipo de literatura.

Igualmente, outros fatores contribuíram para a legitimação da literatura: os meios de produção e distribuição evoluíram consideravelmente criando um setor editorial forte, combatente e desenvolvido, surgem patrocínios para co-edições e escritores e cresce o mercado consumidor. Enquanto Monteiro Lobato foi o precursor do mercado editorial na década de 20, durante o governo de Juscelino Kubitschek foram tomadas medidas importantes que

impulsionaram esse mercado ocasionando o alargamento da oferta nacional. Entre essas medidas, a redução e isenção de taxas para importação do papel; assim como um incentivo na renovação do parque gráfico acarretando a modernização industrial e comercial das editoras (Lajolo e Zilberman, 172).

Porque desde o nascimento a literatura infanto-juvenil teve parte de sua destinação conduzida ao consumo escolar, nesse derradeiro momento a situação não é diferente. Na verdade, a relação de dependência está cada vez mais acirrada nesse tipo de literatura e a escola. Este relacionamento está tão diretamente ligado à escola que passa a fazer parte integrante do espaço ficcional. Exemplos contundentes estão nos trabalhos de Odette de Barros em *A oitava série C* e Fernanda Lopes de Almeida com *A fada que tinha idéias*. Todavia, os dados que indicam a importância da escola para a literatura vão além da sua inserção na ação ficcional, os acervos passam a ser categoricamente divulgados nas escolas, as estratégias de *marketing* são destinadas aos professores e autores visitam as escolas para discutirem seus textos e sua representação pedagógica (Lajolo e Zilberman, 174).

CAPÍTULO 3

Algumas considerações sobre cidadania

Numa República Federativa a Constituição é a lei maior do Estado. Os elementos que constituem o Estado são território, população e governo soberano. O país teve duas constituições promulgadas no período em que Lobato apresentou intensa produção literária infanto-juvenil, a Constituição de 1934 e 1937.

A Constituição Brasileira de 1934, promulgada em 16 de julho de 1934 foi redigida para organizar um regime democrático que assegure a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico. Foi nessa constituição que se estabeleceu o voto obrigatório para maiores de 18 anos e propiciou o voto feminino, mas exclui-se o voto do analfabeto e dos mendigos. No Título III, Capítulo I, Art. 106 são considerados cidadãos os brasileiros nascidos no Brasil. No Art. 113, Título II, a Constituição assegura aos brasileiros a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à subsistência, à segurança individual e à propriedade. Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivo de nascimento, sexo, raça, profissões, classe social, riqueza, crenças religiosas ou idéias políticas. No Título V, Capítulo II, Art. 149 a educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos.

A Constituição Brasileira de 1937, outorgada pelo presidente Getúlio Vargas em 10 de Novembro de 1937 é a quarta constituição do Brasil e a terceira da república. A principal característica dessa constituição era a enorme concentração de poderes nas mãos do chefe do Executivo. São brasileiros os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro (Título da Presidência da República, Capítulo da Nacionalidade e da Cidadania, Art. 115). Segundo o Art.

117 os mendigos e analfabetos ainda não podiam alistar-se eleitores. Entender a definição legal de cidadania promulgada nas respectivas Constituições é importante para definição de cidadania nesse contexto.

Em seu artigo *Brazilian Literature and Citizenship: From Euclides da Cunha to Marcos Dias* (2001) Luiz Fernando Valente mostra sucintamente a evolução da cidadania no mundo ocidental europeu cujo enfoque principal destaca sua ascensão na Grécia antiga, no Império Romano e na Europa durante a Idade Média, período de apogeu do feudalismo. Em síntese, a cidadania foi evoluindo à medida que as civilizações foram crescendo. Inicialmente apenas alguns homens seletos eram considerados cidadãos porque na Grécia antiga cidadania estava diretamente ligada à posse de terras. Os cidadãos gregos tinham o direito ao voto, o dever de pagarem impostos e obrigações militares. O conceito moderno de cidadania é baseado no liberalismo, segundo Valente. A liberdade individual do cidadão numa determinada nação está diretamente ligada aos seus direitos civis e políticos (11).

O conceito de cidadania, no mundo ocidental, evoluiu juntamente com o crescimento das cidades e hoje em dia ser cidadão está diretamente associado a ter direitos e deveres para com seu país numa esfera global e local. No Brasil, essa ação não foi diferente, a cidadania, baseada também no liberalismo, foi um conceito que evoluiu de acordo com a história sócio-econômica e política da nação.

Vários fatores foram e ainda são fundamentais para a construção da cidadania no Brasil. Entre eles, a preservação cultura indígena, a escravidão vigente até o século XIX e a ditadura militar se destacam. Os índios, dizimados pelos portugueses na era colonial e ainda estigmatizados no Brasil moderno continuam lutando para preservar suas tradições e defenderem suas terras. O regime escravocrata, só foi abolido em 1888, nas portas do século XX. Entretanto,

o fim da escravatura não foi um movimento sócio-econômico acompanhado de ascensão social e econômica. O negro já não era mais escravo, mas muitas vezes continuou trabalhando para os antigos senhores nas mesmas condições escravocratas ou foram sendo marginalizados pela falta de acesso a educação e cultura. Em outras palavras, na concepção liberal de cidadania o negro foi historicamente marginalizado e o índio ainda precisa lutar pela defesa de sua cultura.

Com o advento da República, a cidadania foi adquirindo outras formas, mas seus benefícios ainda não alcançaram toda população brasileira, o negro, já excluído anteriormente continuava tendo dificuldades para se impor, a mulher ainda presa à esfera familiar e o índio completamente excluído. O poder político-econômico continua nas mãos dos antigos líderes monárquicos sem alterar a situação da burguesia, da classe operária, e dos imigrantes, todos setores em crescimento no período pós República. O Brasil enfrenta alguns movimentos revolucionários e a evolução do conceito cidadania acompanha as evoluções da sociedade. Os direitos humanos e civis passam a ser uma componente obrigatória de cidadania. O sistema eleitoral muda, homens, mulheres, negros, índios, analfabetos podem participar das eleições. De acordo com as leis brasileiras, a escola pública é para todos. Na realidade, entretanto, mesmo com esse avanço, o Brasil ainda é uma sociedade classista.

Todo esse quadro de conquistas civis muda com a ditadura militar em 1964. Os militares controlam o país e a cidadania no Brasil toma rumos ditatoriais, a liberdade individual, liberdade de opinião e direito ao voto se perdem nas medidas autoritárias impostas pelo governo militar. Esse quadro muda com a volta da democracia nos anos 80 e a construção da cidadania ainda é parte integrante do crescimento político e econômico.

Segundo Valente, a sociedade brasileira é historicamente uma sociedade dividida em classes. Esteve sempre dividida entre senhores oligárquicos, estadistas, escravos, mulheres

reduzidas ao confinamento do lar, e índios. Com a evolução do país, a sociedade brasileira foi tomando formas modernas, porém nunca deixou de ser uma sociedade classista. Hoje em dia existe a minoria rica no Brasil, a classe média e os pobres. Para Valente, enquanto a sociedade brasileira for uma sociedade de classes, será sempre impossível desenvolver verdadeiramente a cidadania (15).

De acordo com Pedro Demo em *Cidadania tutelada e cidadania assistida* (1994) estimular a emancipação do cidadão deveria ser o objetivo principal da cidadania. Em outras palavras, a cidadania que leva o indivíduo a ser dependente do Estado em várias esferas, intelectual, educacional, social e econômica, deve ser evitada. Quando se favorece a concepção desse tipo de cidadania, o cidadão se torna excessivamente dependente do Estado e não consegue desenvolver sua autonomia individual. Essa autonomia muitas vezes é a capacidade de sobreviver num ambiente capitalista com o mínimo possível de assistência do governo (7). Para se alcançar a cidadania adequada, a educação é fator primordial nessa etapa. Conforme Demo, no fundo, a educação é a única política que engloba todas as outras, tem força social e força econômica. Isso ocorre porque não se faz economia competitiva sem um trabalhador bem informado, uma vez que economia competitiva exige mão-de-obra especializada. Então, a educação é a política pública mais próxima da cidadania (151).

No cômputo literário, Valente afirma que a literatura do Brasil pós-colonial teve um papel influente na construção da cidadania porque autores como Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902) tomam consciência dessa problemática (13). Em *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*, Lobato fala de suas aspirações educacionais:

Criar luxuosamente um aparelho educativo com você a testa. Nós, do alto da nossa Education-City, servida por todas as máquinas existentes e as que hão de vir, pairaremos sobre o país qual uma nuvem da luz. Um corpo de cérebros, dirigido por você, prepara; a máquina multiplicadora, dissemina. Oremos fazer com um pugilo de auxiliares o que o Estado essa besta do Apocalipse – não faz com milhares e milhares de infecções chamadas escolas e de cágados chamados professores. A *nossa educação* cairá como chuva de neve sobre o país, sem saber e sem querer saber aonde os flocos irão pousar (69).

Lobato acredita que a educação é a política pública mais eficiente para se desenvolver a cidadania e com isso introduz em seus trabalhos infanto-juvenis um projeto educacional que a instiga. Ele não está atrás de uma cidadania idealista baseada apenas nos princípios do liberalismo. Muito pelo contrário, ele busca instigar o jovem leitor a questionar a ordem social vigente e a ser agente do seu próprio destino. Lobato quer que a juventude aprenda e ter sensibilidade em relação aos problemas sócio-econômicos e políticos do país para que possam apresentar soluções concretas e eficientes quando assumirem o poder, já que são o futuro da nação. Para isso, é imprescindível que a busca pelo conhecimento seja uma prática corriqueira. Daí a constante preocupação de Lobato em ensinar os jovens. Ele acreditava que o seu papel de educador e homem público lhe impunha obrigações com o futuro. A melhor forma de honrar essa responsabilidade seria através do compromisso com a verdade quando se educa os jovens. Para Lobato o homem civilizado e apto a ser um bom cidadão é produto puro e simples da educação (*Prefácios e entrevistas*, 302).

CAPÍTULO 4

Idéias de um educador-pensador de vanguarda

Espirituoso de gênio aguçado e sensível, Monteiro Lobato é um autor de destaque na literatura brasileira. Possuidor de um espírito apaixonado, era um homem devotado a tudo aquilo que amava, e Lobato amava a educação. Em uma de suas entrevistas publicadas em *Prefácios e entrevistas* ele declara que “dar aos meninos bons livros, adequados á idade, é o melhor meio de formar homens” (243). Obviamente, nessa citação, Monteiro Lobato alega o valor que a instrução tem numa sociedade. Segundo ele, é a forma mais apropriada para se formar homens. A pergunta mais coesa nesse contexto está relacionada à definição de homens. Lobato não usa a palavra homens se referindo apenas ao ser do sexo masculino. Ele a usa referindo-se a todos os cidadãos que formam uma sociedade. O próprio Lobato confirma essa afirmação em outra entrevista onde professa que aos jovens da atualidade, são os homens do futuro de uma sociedade, “esse livro de dona Benta vem sendo criticado justamente pelo que a meu ver constitui o seu único mérito: dizer ás crianças, que serão os homens de amanhã, a verdade inteira” (257). Para Lobato, é imperioso ensinar aos jovens cidadãos fatos verdadeiros sobre a economia, a política sem obstrução da verdade em nome de nacionalismo patriótico porque se hoje eles são crianças recebendo instrução, amanhã serão os adultos que ensinam e conduzem o país. Já que os jovens são o futuro, é imprescindível que eles tenham consciência de seu papel, sobretudo que tenham consciência dos problemas que enfrentarão quando se tornarem líderes:

Habituamo-nos de tal modo ao regime da mentira convencional que a verdade nos dói e causa indignação ao “patriota.” Patriota é o sujeito que mente, o que falsifica os fatos, o

que esconde as mazelas, o que transmite às crianças a sórdida porcaria que recebeu de trás. É o que diz que os nossos governos são bons, que a Central presta, que somos o mais rico país do mundo, o mais inteligente (257).

Nessa citação Monteiro Lobato está se referindo indiretamente ao sistema educacional brasileiro em virtude das críticas recebidas a respeito do livro *Geografia de dona Benta*. Nessa obra, Lobato fala da falta de iniciativa do governo em explorar o petróleo e por isso seu trabalho não foi muito bem aceito pelos líderes. Ele conclui seu pensamento assegurando que esse sistema político-educacional patriótico só serve para atrasar o progresso do cidadão e do país, “inoculada de todas essas falsidades, a criança de hoje passará a adulto convencida de que tudo corre pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis — e a nossa miséria e o nosso descalabro irão se perpetuando e se agravando” (257). O que ele mais recrimina no sistema educacional é a falta de iniciativa para educar o jovem estudante com o objetivo que ele se torne um bom cidadão. Nesse sentido, bom cidadão não se limita àquelas pessoas que obedecem as leis e cumprem seus deveres sem questionar a ordem vigente, pelo contrário, um bom cidadão seria aquele capaz de alterar seu próprio destino e ir além, mudar os rumos da sociedade. Para que isso seja possível, a educação tem um papel notável nessa fase; ela precisa ser de qualidade e voltada para expressar a realidade dos fatos.

Grande admirador de sociedades e homens avançados intelectual e moralmente foi através dos seus trabalhos literários infanto-juvenis que tentou passar suas idéias a juventude porque acreditava que numa região como o Brasil do século XX, só mesmo as crianças e adolescentes para garantir o futuro da nação.

Lobato era bastante cético quanto à humanidade porque era pacifista, a história humana é marcada por lutas sangrentas e injustas que ele condenava enfaticamente sendo capaz de propor

alternativas intrigantes, entre elas à prática filosófica de Sócrates cujo lema era negar a violência respondendo aos atritos filosoficamente como consta em *História do mundo para as crianças*. Nada obstante, a filosofia não é sua única alternativa. Soluções práticas também são apresentadas. O amadurecimento da cidadania será uma delas:

Tenho esperanças de que também a Humanidade, quando alcançar a era do juízo, resolva todas as suas questões com a filosofia dum Sócrates, em vez de resolvê-las, como até aqui, a tiro e facadas (179).

Nesse trecho vemos que Lobato defende a paz acima da qualquer medida. Para ele, a violência não se justifica; é, na verdade, o grande mal da humanidade. A brutalidade dos homens tem causado a destruição dos povos e para superar essa história de destruição; só através de atos civilizados os homens vão se entender. Para Lobato a cidadania e a violência humana são elementos que se excluem. Veja a citação extraída de *Prefácios e entrevistas* que justifica essa afirmativa:

O homem civilizado é um puro e simples produto da educação. Só a educação amansa, socializa e internacionaliza. O povo germânico é a mais alta expressão de eficiência e capacidade mental. Para tornar-se um povo “primus inter pares” precisa só de uma coisa: educar-se no alto sentido internacional. E se o mundo não educar a Alemanha agora, depois de vencida pela segunda vez, se reincidir no erro de mais uma vez aplicar-lhe o estúpido remédio da violência, só conseguirá uma coisa: gestar em vinte ou cinquenta anos a Terceira Guerra Mundial — e nessa talvez o mundo seja derrotado (302).

No trecho acima Lobato fala de violência e usa o contexto da Segunda Guerra Mundial e o papel da Alemanha no seu desencadeamento. De acordo com sua opinião, violência só atrai violência e por isso numa temporada muito curta houve dois conflitos mundiais e perpetua a

ameaça de um terceiro. Mais uma vez, Lobato acredita que a educação é o único meio para se resolver até mesmo os problemas de esferas mundiais.

Entretanto, embora pessimista quanto ao homem, Lobato era um humorista nato; fez com que milhares de leitores se divertissem com as travessuras de Emília, uma personagem genuína, cômica e sensível. O elemento sensibilidade estava sempre presente na vida de Lobato, seja em suas personagens ou em sua vida pessoal. Em declaração a sua namorada e futura esposa publicadas em *Cartas de amor* (1969) menciona que “não há homem mais sensível do que eu. Irrito-me, desespero, com coisinhas de nenhum valor para os demais. Tenho a sensibilidade doentia” (32). Sensibilidade é um elemento que também está presente em *Memórias da Emília* (1936). Nesse livro Emília discursa: “dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração — só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça” (58).

Nessa citação, Lobato se expressa sobre o elemento sensibilidade, sentimento que o acompanha durante toda a vida e permite que ele lute pelos seus ideais porque acredita que o cidadão é capaz de contribuir para o progresso da sociedade. Segundo ele, o maior mal da história humana, é mesmo a falta de sensibilidade e a presença constante de violência entre os homens. A briga pelo controle de terras e poder é consequência da falta de sensibilidade, não é mera questão de sobrevivência como acontece entre os animais. Todos esses fatores dificultam o desenvolvimento integral da cidadania. Para Lobato é imprescindível que se ensine aos jovens o valor das diversas culturas existentes porque isso amenizaria as diferenças entre as distintas nações do globo. Para que essa estratégia seja eficaz, faz necessário que esse preparo seja feito

na fase inicial do cidadão, sendo que quando os jovens se tornarem adultos, esses valores já seriam parte integrante de sua personalidade.

Em *Cartas de amor* há um diálogo de suma importância para entender um pouquinho sua espirituosa personalidade:

Entre nós mediava sempre uma distância, mesmo assim houve o seguinte e interessantíssimo diálogo:

J.: — “O senhor está magro”

Eu: — “E a senhora está gorda.”

J.: — “Não estou, não.”

Eu: — “Está.”

J.: — “Não estou.”

Eu: — “Está.”

J.: — “Não estou.”

Eu: — “Está.” E durou a teima cinco minutos, talvez! (38).

Logo de início essa conversa parece irrelevante, porém esboça muito bem a alma livre por trás dos livros que contêm dona Benta, tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa. Lobato era um homem irreverente, característica claramente evidenciada em seus discursos e entrevistas. Era um sonhador futurista que desejava uma sociedade justa para todos. Ele expõe em *Prefácios e entrevistas* que “penso no amanhã, porque estou prestes a deixar o mundo e quero entrever o país do futuro. Não há mais nada para mim afora adivinha e penetrar o futuro” (306). Uma vez que a irreverência era marca registrada do seu caráter. Obviamente, o resultado principal do trabalho dessa alma independente é o simples desejo pela liberdade. Liberdade de expressão, de criação, de idéias. Libertação dos males que afetam a humanidade.

Qual seria então uma possível solução para essa incógnita? O uso da palavra como forma de poder já era um bom começo. Sendo um homem que expressava suas opiniões, mesmo que fossem elas irreverentes, o fez muitas vezes através de todas as formas, declarações públicas, entrevistas, críticas e também na literatura. Emília possui um espírito irônico e irreverente “nasci no ano de ... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... — Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade? — Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira” (*Memórias da Emília*, 10).

Apesar de não ter uma vida muito longa, Emília decide ser criativa e usa a espirituosidade para dar asas a sua imaginação. Para sintetizar, sua filosofia de vida é tão simplista que além de fazer o leitor rir com uma boa gargalhada, leva-o a pensar que talvez a vida seja isso mesmo: pura simplicidade. Os homens que complicam o resto. Ao escrever as memórias, Emília, discursa sobre essa simplicidade. “A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos — viver é isso. É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais. É portanto um pisca-pisca” (*Memórias da Emília*, 11).

Lobato valorizava o conhecimento e a competência. Não era unilateral a ponto de não ver os limites da ciência, sobretudo dos cientistas, mas apreciava e admirava as nações e homens intelectuais de grande moral. Em *Viagem ao céu* (1932), tratado de astronomia, os cientistas são ao mesmo tempo valorizados e criticados quando assumem uma postura prepotente diante da humanidade e do homem comum, esse último, exemplificado na personagem tia Nastácia que ao lado de Saci e tio Barnabé representam a valorização da cultura popular na obra de Lobato. Por conseguinte, dona Benta, na série *Sítio do picapau amarelo*, é a porta voz da sabedoria humana,

embora seu preparo não seja acadêmico e sim frutos das suas infinitas leituras e interesse pessoal pela instrução:

Por felicidade minha, eu vivo neste nosso abençoado século; se eu vivesse na Idade Média já estava assada numa boa fogueira — e também vocês, pelo crime de terem aprendido comigo muita coisa (23). Mas a boa velha costumava explicar as coisas mais difíceis de um modo que até um gato entendia (131).

A turminha estava aprendendo com dona Benta sobre quantos estudiosos já morreram ou foram perseguidos em nome da ciência no mundo e o valor de suas ações para com a formação das sociedades. É nesse contexto que reconhecemos o quanto dona Benta é sábia, indiretamente, também verificamos o valor da competência e do conhecimento. Na condição de estudiosa e desafiadora da ignorância, dona Benta é também mulher, e seria perseguida se vivesse em épocas de poucos esclarecimentos, mostrando assim a evolução da humanidade. Por outro lado, tia Nastácia indica a valorização da cultura popular. A eminência dos intelectuais na sociedade é exemplificada em *Viagem ao céu* onde dona Benta explica aos meninos que:

Os sábios são os puxa-filas da humanidade. A humanidade é um rebanho imenso de carneiros tangidos pelos pastores, os quais metem a chibata nos que não andam como eles pastores querem e tosam-lhes a lã e tiram-lha o leite, e os vão tocando para onde convém a eles pastores. E isso é assim por causa da extrema ignorância ou estupidez dos carneiros. Mas entre os carneiros às vezes aparecem alguns de mais inteligência, os quais aprendem mil coisas, adivinham outras, e depois ensinam à carneirada o que aprenderam — e desse modo vão botando um pouco de luz dentro da escuridão daquelas cabeças. São os sábios (21).

Claramente compreendemos que a humanidade é o rebanho controlado pelos pastores, isto é, a igreja, a religião o governo, instituições que controlam o rebanho da forma que lhes convém. Dentre o grupo de carneiros, existem aqueles que se sobre-saem e buscam mudar as circunstâncias através da informação e tentam passar suas descobertas para os outros carneiros mais simples: esses são os sábios. A definição de sábios nessa passagem não se limita à definição moderna e exclusiva dos cientistas. Sábios podem ser todos aqueles homens e mulheres, cientistas ou não que de alguma forma incentivaram a busca do conhecimento para o progresso do ser humano. A informação é fundamental a humanidade, “saber é realmente uma beleza. Uma isquinha de ciência que você aprendeu e já ficou tão contente. Imagine quando virar um verdadeiro astrônomo como o Flammarion!” diz dona Benta em *Viagem ao céu* (25). Porém Monteiro Lobato não valoriza apenas a ciência e exclui outras formas de reconhecimento. Ele critica a ciência quando esta assume uma postura tão arrogante quanto a dos pastores. Ainda em *Viagem ao céu*, ele mostra através das personagens os astrônomos da atualidade que até mesmo os cientistas, supostamente libertadores, podem assumir posturas manipulativas se deixam de valorizar o senso comum, por exemplo:

O espanto dos astrônomos subiu mais uns pontos. A linguagem daquela menina era nova para eles. Mas como fossem “adultos” de sobrecasaca e cartola, desses que tratam as crianças como seres inferiores e não acreditam em nada, breve voltaram a si do espanto e sorriram com ironia, como quem diz: “Bobagem de criança!” Ofendida com aquele sorriso, a boneca empertigou-se toda (144).

Para complementar essa discussão em torno dos sábios, em *Histórias de tia Nastácia* (1937), Monteiro Lobato, transmite a experiência popular na voz da personagem que mais representa o povo, tia Nastácia. Nesse livro ela apresenta histórias do folclore brasileiro aos

meninos que muitas vezes não entendem muito bem o sentido delas mostrando assim as diferenças culturais num país tão imenso quanto o Brasil.

Lobato tinha fé enorme na mocidade. Acreditava que não só eram o futuro da nação, mas eram a única esperança de mudar a sociedade, pois achava os adultos muito impertinentes. Em entrevista publicada em *Prefácios e entrevistas*, um jornalista não identificado resume o escopo da obra de Lobato: “mas na condição de escritor, Lobato serve á coletividade. Quando escreve para as crianças, o faz consciente de estar colaborando na formação espiritual de uma geração que se apresta a continuar a tarefa desta geração cheia de provações, da qual participamos. A criança é a preocupação dominante do escritor e do homem” (240).

O próprio Lobato em *Prefácios e entrevistas* confirma essa idéia quando expressa que “a juventude é o broto da árvore. Cai a folha velha e desenvolve-se a nova — mas, velha ou nova, tal árvore tal folha. A participação da folha nova na renovação da árvore é apenas biológica” (202). Se por um lado, Lobato acreditava nas crianças, por outro era completamente cético em relação aos adultos e a sociedade. Ele reafirma que “acho a criatura humana muito mais interessante no período infantil do que depois de idiotamente tornar-se adulta” (229). O livro *O Saci* é um exemplo desse ceticismo, também presente na sua literatura. Embora seja uma obra de cunho filosófico, as discussões de Pedrinho e Saci a respeito da natureza e sua interação com o homem é uma espécie de tratado filosófico numa linguagem jovial:

“Mas nós sabemos ler e vocês não sabem” diz Pedrinho. “Se o homem é a mais boba das criaturas, de que adianta saber ler? Que é ler? Ler é um jeito de saber o que os outros pensaram. Mas que adianta a um bobo saber o que o outro bobo pensou”, filosofa saci. Pedrinho diz que o “homem é a glória da natureza”. Saci refuta “está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi sobre os

horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra, para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?” “E vocês aqui não usam guerras também? Não vivem a perseguir e comer uns aos outros?”, defende-se Pedrinho. “Sim; um comer o outro é a lei da vida. Cada criatura tem o direito de viver e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês homem fazem guerra sem serem movidos pela fome. Matam o inimigo e não o comem. Está errado. A lei da vida manda que só se mate para comer. Matar por matar é crime. E só entre os homens existe isso de matar por matar — por esporte, por glória, como eles dizem” (*O Saci*, 23).

Segundo Lobato, saci é uma figura mitológica da cultura popular brasileira. Enquanto Pedrinho e Saci discutem as leis de sobrevivência da natureza entre fortes e fracos, comparando assim as discrepâncias entre homens e animais, o jovem leitor tem oportunidade de filosoficamente confrontar seu papel na sociedade ao mesmo tempo em que se defronta com a hipótese do autor que em sociedades humanas, vence o mais esperto, nem sempre o mais forte:

É o que os sábios chamam a luta pela vida. Uma criatura vive da outra. Uma come a outra. Mas para que uma criatura possa comer a outra, é preciso que seja mais forte — do contrário vai comer e sai comida — Mais forte só? — Mais forte ou mais esperta. Aqui na mata todos procuram ser fortes. Os que não conseguem ser fortes, tratam de ser espertos. Na maior parte dos casos a esperteza vale mais do que a força. Os sacis, por exemplo, não são fortes — mas ninguém os vence em esperteza. A lei da floresta é a lei de quem pode mais — ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais astuto. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta (21-22). Se ela é poderosa, eu sou astucioso. A astúcia inúmeras vezes vence a força (37).

Toda essa descrença na humanidade acontece porque, conforme Lobato, a história da humanidade é muito sangrenta. Tanta violência não é justificável. Ele não é nenhum romântico para achar que as nações devem abdicar do progresso, mesmo porque é um admirador do desenvolvimento tecnológico e das sociedades que se modernizam, seu argumento principal é que a evolução humana não legitima o controle pelo poder de uma nação sobre a outra:

Da violência só sai violência. Contra uma grande nação dementada pelo “delírio do poder”, o mundo se juntou de 1914 a 1918 e dominou a Alemanha depois de horrorosa hecatombe. Mas, inebriados pelo “delírio da vitória”, os vencedores lançaram mão do único remédio que jamais curou coisa alguma: violência... O resultado só podia ser o que foi. A Alemanha, violentada no Tratado de Versalhes, reagiu vinte anos depois com o maior acesso de violência e crueldade que a história registra, forçando o mundo a se coligar de novo (*Prefácios e entrevistas*, 301).

O diálogo entre Pedrinho e Saci é usado para comparar os homens aos animais e esse recurso só mostra o quanto os homens cometem atrocidades em nome de Deus, da pátria, da igreja e dos interesses próprios, muito pouco em defesa própria ou por sobrevivência. De acordo com Lobato, cidadãos violentos não podem constituir nações evoluídas. Nessa comparação, os animais, destituídos da capacidade de pensar e raciocinar são muito mais aptos a obedecerem às leis da natureza que os homens e talvez por isso vivam melhor em sociedade do que os homens. Pode-se argumentar que parte da liberdade intrínseca do homem é poder criar suas próprias leis, porém, refuta Lobato indagando que tanta violência presente na história da humanidade não justifica essa liberdade. Contudo, diante de toda essa violência, Lobato ainda assim acreditava que o Brasil seria um país promissor, uma terra do futuro de acordo com o que revela em *História do mundo para as crianças* “entre as terras que Portugal colonizou está o Brasil, com

oito e meio milhões de quilômetros, e destinado a ser um dos grandes países futuros” (151).
Todavia, o Brasil, na concepção de Monteiro Lobato, só poderá atingir seu potencial enquanto grande pátria futurista quando valorizar as crianças e adolescentes. A melhor forma de valorizá-las e dar a eles acesso a educação de qualidade, preparo e incentivo para ser tornarem cidadãos conscientemente espertos.

CAPÍTULO 5

Como incentivar a cidadania: o papel do Picapau

A hipótese sugerida nessa tese é que a obra de Monteiro Lobato propõe um projeto educacional que procura impulsionar a cidadania. Em relação à educação, é necessário verificar a forma que Monteiro Lobato a introduz em seus textos infanto-juvenis e seu papel ao conectar-se com a cidadania.

A maneira como Monteiro Lobato ensina usando suas obras literárias é muito curiosa porque é uma técnica muito sutil. Propositamente o leitor aprende sem fazer grandes esforços intelectuais. Monteiro Lobato intercala uma temática pertinente anexando-a ao contexto literário tornando-se então uma componente integrante da fantasia. O que Monteiro Lobato ensina varia entre pura literatura a questões filosóficas mais instigantes. Muitas vezes, são apenas indagações filosóficas ou políticas, análises de acontecimentos históricos através de uma perspectiva mais crítica sobre a existência do homem. No entanto, em outras situações, há apenas a um ensinamento matemático, físico, astronômico, biológico, botânico e até mesmo folclórico. E em vários casos, Lobato se limita à introdução de um novo vocábulo ou uma grande viagem fantasiosa na imaginação infantil ou adaptações de obras literárias clássicas a realidade brasileira e sua linguagem. Por fim, às vezes são apenas questionamentos dos valores sociais vigentes na forma de perspectivas alternativas, como é o caso de dona Benta e sua autonomia. Estas categorias relacionadas acima são muito interessantes para a discussão da literatura de Lobato conforme os exemplos a seguir.

História do mundo para as crianças é um compêndio sobre a formação da humanidade, tendo seu enfoque na evolução da raça humana. As diversas ponderações sobre o homem, aparecem no texto de várias formas, através de indignações, expressões explícitas de uma ou outra personagem, ou perguntas sobre o assunto. Muitas vezes as crianças demonstram suas reações sobre os fatos apresentados à medida que dona Benta conta sua versão da história mundial:

— E acha a senhora que a guerra se justifica, vovó? — Para mim não se justifica. Para Jesus Cristo também não se justificava. Mas eu não posso nada no mundo, e o próprio Cristo, cujas idéias tomaram conta do Ocidente, pôde tanto como eu em matéria de guerra. Muitas houve em que os homens levavam à frente dos batalhões, como estandarte, a cruz de Cristo. O homem é mesmo aquilo que você diz, Narizinho (120).

No trecho acima Narizinho faz uma pergunta a sua avó e dona Benta responde expondo sua opinião pessoal sobre guerras. Ou seja, dona Benta ao narrar os fatos históricos da humanidade eventualmente expressa suas opiniões pessoais sobre esses acontecimentos. O jovem leitor ao ouvir sua voz não só aprenderá sobre o fato histórico em questão, mas aprenderá sobre o ponto de vista das personagens em relação à temática em discussão. No mesmo livro, Pedrinho também expõe sua opinião sobre a guerra: “sempre que um homem quer fazer bem à humanidade, os poderosos dão cabo dele” (67). Essa estratégia é constantemente utilizada por Lobato. As personagens revelam suas opiniões numa tentativa de educar o leitor. Esse recurso utilizado por Lobato evidencia a importância da literatura e da cultura popular porque é justamente através dessas personagens inovadoras, dona Benta e tia Nastácia, que aprendemos sobre o cultura mundial e popular respectivamente.

Caçadas de Pedrinho, *O Saci*, *A reforma da natureza*, *História do mundo para as crianças*, *Viagem ao céu* são livros infanto-juvenis que usam a fantasia didaticamente. Em *Viagem ao céu* os habitantes do sítio do Picapau Amarelo recebem uma lição de astronomia e fazem uma viagem ao éter para confirmar todos os ensinamentos de dona Benta e Pedrinho, “não somos aqui no sítio um sistema planetário, mas somos um sistema de gentes e coisas. Eu sou o centro, a dona das terras e da casa e das coisas que há por aqui. Vocês são meus netos. Tia Nastácia é minha cozinheira” (131). Dona Benta, em sua linguagem simples faz uma analogia entre o sítio e o universo para que as crianças compreendam melhor a astronomia. Em resumo, esses livros representam as elementos gerais presentes na obra de Monteiro Lobato.

Com *A reforma da natureza*, *O Saci* e *Caçadas de Pedrinho* as lições de zoologia e botânicas são inúmeras, o leitor tem uma oportunidade única de conhecer a fauna e flora brasileira. Em *O Saci*, o narrador descreve a fauna e a flora a medida que Pedrinho e Saci exploram a mata virgem: “flores do tempo da mocidade de dona Benta: esporinhas, damas-entre-verdes, suspiros, orelhas-de-macado, dois pés de jasmim-do-cabo, e outro, muito velho, de jasmim-manga” (8). Porém, *O Saci*, além de zoologia, botânica e biologia, aprendemos muito sobre folclore brasileiro e filosofia popular:

É um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda a vida senhor de um pequeno escravo (14).

Entretanto, Lobato não se limita a falar apenas de história, ele aproveita o argumento literário para inserir e ensinar vocabulário ou expressões populares relacionados ao tema

discutido ou ao vocabulário. Em *História do mundo para as crianças* há vários instantes em que dona Benta descreve aspectos históricos numa linguagem mais acessível às crianças e sutilmente aproveita o contexto para introduzir uma palavra nova:

Eram ensinados até a falar com energia e economia, dizendo o máximo com o mínimo de palavras. Como se chama este modo seco de falar, Narizinho? — Lacônico — respondeu a menina. — Muito bem. E donde vem tal palavra, Pedrinho? O menino engasgou. — Vem justamente da Lacônia, a província da Grécia (32).

Dona Benta estava justamente fazendo uma síntese da história dos espartanos na Grécia antiga e sua rigidez na disciplina de seus cidadãos e aproveitou a circunstância para ensinar algo mais aos meninos. Ela segue explicando a origem dessa palavra e imediatamente em seguida a exemplifica usando o mesmo assunto para aprimorar a compreensão. Os espartanos, ameaçados de invasão por um rei vizinho, “leram a carta e incontinenti deram a resposta com uma só palavra: se.... Não pode haver nada melhor do que essa resposta lacônica!” (32), conclui dona Benta ao exemplificar o termo lacônico, sua origem grega ao mesmo tempo o põe inserido na conjuntura histórica. Dona Benta não pára aí, nas páginas seguintes, ela usa a mesma palavra e suas variantes instigando a participação ativa das crianças na aplicação do vocabulário conforme os exemplos: “‘venha buscar-nos’ — foi a lacônica resposta de Leônidas” (51). Já nas páginas seguintes, não é dona Benta que usa o termo, mas Narizinho, mostrando assim a aplicação da expressão lacônica na voz de outra personagem: “a mensagem que sobre os acontecimentos ele mandou a Roma ficou célebre pela concisão. — Devia ser muito lacônica — sugeriu Narizinho. — Realmente, parecia uma mensagem de espartano. Dizia assim: *Veni, vidi, vice*” (69). Exemplos assim são muito comuns nas obras de Lobato. O autor está sempre usando o contexto literário para introduzir um termo diferente.

Em *O picapau amarelo* (1939), apesar dos conceitos filosóficos e morais, essa história é uma maravilhosa viagem ao mundo da fantasia onde Lobato mescla suas personagens com as diversas personagens de outras fábulas infantis conhecidas mundialmente. Enquanto que *Reinações de Narizinho*, primeiro livro da série, é uma mistura de quase tudo: há fantasia, realidade, aventuras por diversos mundos inclusive o sítio do Picapau amarelo e o mundo das águas, críticas a sociedade brasileira, mescla de novos valores sociais, presenças de perspectivas alternativas. Com *Dom Quixote das crianças* (1936) a aventura é deliciosamente dividida entre Sancho Pança e D. Quixote de la Mancha. Através de dona Benta, a garotada conhece essa obra de grande valor literário. Nessa adaptação, Monteiro Lobato usa uma linguagem muito mais simples e corriqueira que a linguagem original da tradução em português:

Há no mundo muita gente como Sancho. Ele tinha o sólido bom senso dos homens do povo e todas as qualidades e defeitos do homem do povo, isto é, do homem natural, sem estudos, sem cultura outra além da que recebe do contacto com seus semelhantes. Já em D. Quixote vemos o contrario. Possuía alta cultura. Tinha todas as qualidades nobres e generosas que uma criatura humana pode ter — apenas transtornados em seu equilíbrio (157).

A versão original é muito complicada para os padrões infantis, por isso a necessidade de adaptá-la para que as crianças possam conhecer o famoso trabalho de Miguel de Cervantes que tem sobrevivido séculos sendo ainda considerada uma obra clássica da literatura espanhola. Em *Dom Quixote para as crianças* Lobato faz um trabalho excelente nessa transposição do erudito para o popular. Ele consegue captar o humor e a ironia presentes na obra de Cervantes, ao mesmo tempo em que mantém o drama de D. Quixote e seu distanciamento com o mundo real. Na conclusão do livro o leitor observa que Dom Quixote e Sancho Pança juntos representam a

humanidade. De um lado Dom Quixote é a figura dos idealistas e sonhadores que criam um mundo às vezes utópico representando o espírito. De outro lado Sancho Pança é o homem popular, de pé no chão que luta pela sobrevivência simulando a matéria. Ambos sintetizam, na opinião de Lobato, a humanidade que também é formada por idealistas e materialistas; espírito e matéria.

Dando continuidade a essa análise, a obra de Lobato também introduz concepções sociais alternativas e questiona as vigentes, por exemplo, os valores patriarcais. O paternalismo é posto em xeque através da personagem dona Benta. Melhor dizendo, a sociedade brasileira até então tradicionalmente controlada pela figura masculina é questionada por Lobato quando ele apresenta dona Benta, uma senhora idosa com mais de sessenta anos. Ela é personagem central de seus livros ao lado de crianças e negros (*Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, 54). A dona do melhor sítio do mundo e anfitriã das historinhas é apresentada como personagem independente, auto-suficiente numa sociedade patriarcal onde usualmente as mulheres estão sempre ligadas a uma figura masculina muito forte como o pai, o marido, um amante ou um filho. A independência financeira de dona Benta, sua inteligência e seu poder administrativo são bons exemplos de sua autonomia. Em textos literários mais conservadores, uma explicação patriarcal para essa problemática provavelmente seria apresentada visto que a mulher nessa ocasião não teria autonomia para se auto-sustentar. Na maioria dos casos elas seriam viúvas, protegidas ou herdeiras. Apesar disso, em Lobato, explicar essa problemática não se faz muito evidente. Não há, propositalmente, nenhuma necessidade de justificar sua independência, não importa de onde ela vem. O que importa é que dona Benta e sua turminha são personagens inovadores.

Narizinho e Emília também são duas figuras que questionam o patriarcado brasileiro nos anos 20. Ambas são personagens que desenvolvem suas ações independentes de uma figura masculina. As duas personagens têm voz ativa no grupo e não carregam na sua composição literária a doçura, meiguice e submissão peculiar das princesas dos contos europeus. Enquanto Emília é travessa, voluntariosa e pernóstica, Narizinho é uma líder nata, corajosa, inteligente e sensata (*Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, 59). Já tia Nastácia, Saci e tio Barnabé representam o negro. Tia Nastácia está presa à cozinha e sua ação se limita a esse espaço. O Saci é uma personagem negra da cultura popular brasileira que faz travessuras para assustar o homem comum. Enquanto que tio Barnabé é um ex-escravo agregado de dona Benta que desenvolve pouquíssima ação na série literária. O texto se limita a usá-lo como referência para entender a cultura popular. Em *O Saci* Pedrinho quer aprender sobre sacis e vai até tio Barnabé para descobrir como se pega um.

Monteiro Lobato percebe evidentemente que a educação é o instrumento mais eficaz na construção da cidadania e seu objetivo na construção de série *Sítio do picapau amarelo* é transmitir conhecimento e provocar questionamentos para que o leitor aprenda desde criança a manusear a instrução em favor de si e de sua sociedade enquanto adulto. Porém, qual é a conexão entre educação e cidadania? Dona Benta responde a essa interrogação em *Geografia de dona Benta* quando se expressa sobre o Japão dizendo que:

Isto serve para mostrar que o que vale para a grandeza dum povo não é a extensão do território e sim a qualidade da gente. Com um território pequeno e de más terras, cheio de vulcões, todo picadinho e, além do mais, sujeito a terríveis terremotos, este maravilhoso império vem assombrando o mundo. Tinha uma civilização só sua, fechada às idéias e coisas da Europa; mas um dia resolveu largar a velha civilização para adotar a nova — e

realizou a mais impressionante adaptação que a história menciona. Mandaram alunos cursar as grandes escolas européias e americanas, para que aprendessem as ciências lá ensinadas — e esses alunos vieram depois transformar o país. O Japão é hoje uma das grandes potências mundiais — respeitado, admirado e temido (150).

Para se desenvolver a cidadania, faz-se necessário que a educação busque a autonomia do cidadão. Segundo Lobato, os cidadãos precisam ter qualidades de povo vencedor, como é o caso da cultura japonesa. Foi através do preparo adquirido que o Japão saiu de seu isolamento e se transformou numa potência mundial. Por isso Lobato insiste na idéia de que os cidadãos brasileiros precisam ser homens apaixonados pelo saber, intelectuais críticos que valorizam a simplicidade da cultura popular sem pretensão de superioridade. Essas são características necessárias para o cidadão ideal, já existente no sítio do Picapau amarelo.

Lidiany Silva em seu artigo “Apoio financeiro familiar e desempenho escolar dos filhos — a experiência do distrito federal” (1997) discute que é mister que a educação dos jovens brasileiros seja de qualidade e busque permanente discussão e manejo crítico do conhecimento no sentido de se obter emancipação e adequação da realidade em termos humanos, não pode ser restrita a mero treinamento. Logicamente, conclui-se que a sua meta é abrir caminhos para pontos cruciais do desenvolvimento humano, como é o aprender a aprender e saber pensar. Uma boa educação é aquela que é capaz de habilitar o indivíduo a construir e a participar ativamente na sociedade (20). A instrução dos jovens em idade de formação intelectual pode ser um fator positivo ou não. Quando é apenas direcionada ao controle e manutenção da ordem vigente, ela limita o desenvolvimento da cidadania. Entretanto, a educação, quando estiver ligada à construção do conhecimento, causará impacto de modo decisivo tanto à cidadania quanto a competitividade, ganhando o status de investimento mais estratégico diz Pedro Demo em

Cidadania tutelada e cidadania assistida (45). Em outras palavras, o país que investe massivamente no preparo de seus cidadãos tendo a construção da cidadania como componente integrante está estrategicamente investindo na própria nação. Porém, o crescimento que a educação propõe é sempre fruto de um contínuo esforço por parte dos pais, educadores e principalmente dos alunos. Todavia, é importante que a escola dê condições para que os alunos possam estudar da melhor forma e que tenham sempre por objetivo alcançar uma educação de qualidade, possibilitando ao sujeito o direito de ser dono e sujeito da sua própria história. Neste sentido, o aluno deixará de viver sob tutelas do Estado e poderá passar a ser cidadão consciente (43).

Os pontos levantados por Silva e Demo sintetizam perfeitamente a proposta de Monteiro Lobato. Ele acredita na juventude, desacredita no adulto, e é esperançoso quanto ao Brasil; por isso trabalha para que sua literatura contribua com o crescimento do país sendo parte integrante do programa educacional das crianças e adolescentes.

Em *O picapau amarelo*, já nas primeiras linhas, Lobato desenvolve sua narrativa valorizando o potencial do leitor infanto-juvenil, “mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro” (7).

Apenas nessa introdução Lobato mostra o quanto ele valoriza o potencial infantil. Em suma, ele valoriza o poder imaginativo das crianças. Esse poder é tão real e forte quanto à existência da literatura. Suas fábulas literárias são reais no sentido que existem enquanto produção literária. Ao mesmo tempo em que as imaginações das crianças também são reais, as crianças fantasiam, e, sobretudo, têm um forte potencial. É porque Lobato valoriza o potencial imaginativo infanto-juvenil que se observa a presença constante de recursos educativos em seus

textos. Embora Lobato seja cético em relação ao adulto de hoje, ele não o é em relação ao adulto em potencial, isto é, os jovens.

Uma vez que Lobato valoriza o jovem leitor e sabe de sua importância civil, faz-se necessário uma ofensiva maciça na educação dos mesmos. Essa educação só poderá gerar cidadania emancipativa. Isso revela preocupação social. Os aspectos educativos de Lobato presentes em suas obras são apresentados enquanto fator libertador porque geram cidadania, uma cidadania que desenvolve o potencial do ser humano e suas habilidades para trabalhar em prol do país. Como a literatura vai atingir um número maior de crianças e adolescentes através da escola, é obrigatório usá-la eficientemente.

Após fazer sua apologia ao mundo púbere, *O picapau amarelo* censura severamente os adultos. “O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam” (7). Afirmações desse gabarito criticando a falta de imaginação ou de atitude dos adultos estão presentes em todo o conjunto de sua obra. *Viagem ao céu* também discute essa problemática dos adultos:

“Ora os adultos! — exclamou Narizinho com ar de pouco caso. Não há maior sem-gracismo do que ser adulto. Bem razão tinha Peter Pan em não querer crescer, em não querer nunca virar gente grande — ou “adulto”, como eles dizem com todo o pedantismo” (97).

O adulto perde esse potencial pueril genuíno de se civilizar, de aprender eternamente. Como consequência então, é preciso seriamente educar as crianças porque os adultos não têm a mesma adesão a cidadania. São casos perdidos e a esperança está apenas na juventude.

CAPÍTULO 6

Conclusão

Lobato foi sem dúvida um dos mais importantes pioneiros no desenvolvimento da literatura infanto-juvenil. Seu mérito é duradouro porque ainda hoje influencia os autores de literatura infanto-juvenil contemporâneos. Também contribuiu excessivamente para o crescimento do setor editorial no país. Suas medidas empresariais foram de suma importância para o aparecimento de novas editoras e autores. Ao lado dos esforços editoriais de Monteiro Lobato, no início do século XX, o governo também teve seu papel no avanço da literatura infanto-juvenil visto como promoveu o seu uso nas escolas brasileiras. O objetivo dessa empreitada governamental era promulgar as idéias nacionalistas e muitos autores de qualidades deixaram de receber as devidas honras pela sua obra em virtude dessas medidas. Porém, a participação escolar nessa etapa foi um fator considerável para o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil. O fim da escravidão, o amadurecimento da República, os movimentos revolucionários na década de 30, o controle militar nos anos 60 e a volta da ditadura em 1980 foram fatores que fortemente influenciaram a construção da cidadania no Brasil. Contudo, esses fatores também interferiram na concepção da literatura infanto-juvenil.

Os textos de Lobato são literários, mas ultrapassam os limites da literatura e educam. O que o faz interessante é que o aprendizado é quase sempre inevitável ao mesmo tempo em que é prazeroso porque não é enfadonho. À medida que o leitor explora a leitura, ele aprende, mas essa estratégia é bastante sutil. A literatura e a instrução são dois elementos interligados e uma não existe sem a outra no trabalho de Lobato. O conhecimento popular também é parte integrante

desse processo. Uma coisa é ler um livro de história na infância, outra coisa é ler literatura que contém aspectos históricos anexados à fantasia. O mesmo acontece com a matemática, geografia e outras componentes. A série *Sítio do picapau amarelo* é por si um exemplo que justifica a seriedade de Lobato em relação à educação das crianças e adolescentes porque no contexto do início do século XX, o homem adulto já não tinha mais esperança para Lobato.

Os questionamentos dos valores sociais são introduzidos sutilmente na história como se já fizessem parte da conjuntura e não houvesse necessidade de justificativas. Por um lado, o texto assume, em primeira instância, uma postura “neutra” em relação ao padrão vigente, de forma que não há críticas explícitas a sociedade e aos adultos. Por outro lado, ao apresentar alternativas essa neutralidade deixa de existir porque a novidade presente na narrativa instiga o leitor a refletir em outras opções. É essa dualidade que seduz em Lobato. Suas obras são inovadoras e fantasiosas o suficiente para instigar o leitor impertinente e curioso a pensar em outras alternativas para a vida. O mais interessante é que ao mesmo tempo em que esses questionamentos aparecem de forma natural na narração eles não interrompem o encantamento da leitura.

Lobato, entretanto, não se limita apenas ao âmbito sócio-cultural. Vai além dessa esfera e questiona os valores políticos da sociedade. Ela apresenta questões políticas e filosóficas para instigar a imaginação do jovem leitor, levando-o a construção da cidadania. A maior preocupação de Monteiro Lobato em suas obras infanto-juvenil é estimular o caráter civil do leitor juvenil e ele o faz muito bem.

Nos primeiros instantes da história literária infanto-juvenil os livros não alcançaram igualitariamente todos os setores da população brasileira. No entanto, no começo do século XX esse quadro apresentou escopos diferentes, a população de baixa renda passou a ter mais acesso aos livros produzidos no país. Longe de ser o plano ideal, representando talvez os passos iniciais

duma espécie de democratização literária para crianças e adolescentes no Brasil. Uma vez que a escola teve seu papel estratégico na expansão da literatura para jovens, a presença das camadas mais pobres da sociedade brasileira nas escolas também facilitou essa recolocação literária. Embora esse fenômeno democrático não tenha ocorrido nas mesmas proporções em todas as esferas da sociedade, talvez represente o pioneirismo de uma batalha educativa que ainda precisa ser vencida e que começou no início do século XX.

A participação ativa do Estado brasileiro enquanto um dos reguladores da literatura infanto-juvenil e popular, bem como sua participação enquanto o precursor de um protótipo literário cívico-pedagógico serviu para proliferar essa literatura com instrumento de difusão das imagens de grandeza e modernidade nacional. O Estado se utiliza da literatura infanto-juvenil e popular para proliferar idéias de patriotismo.

Se por um lado, através da escola a literatura infanto-juvenil estava alcançando um número maior de jovens, por outro lado, as exigências do Estado em usar a literatura e a escola como instrumento de propagação de idéias nacionalistas moldavam e limitavam os autores mais independentes e liberais indicando porque Monteiro Lobato se viu obrigado a ser criativo. De acordo com as circunstâncias, havia então uma necessidade de incorporar essas figuras nacionalistas e fugir do controle estatal e alcançar o maior número possível de leitores, não só leitores quantitativos e sim qualitativos. Em artigo titulado *Os livros fundamentais* e catalogado no livro de Zilberman e Lajolo, Lobato declara que:

O filhote vespertino do Estado abriu nas livrarias um inquérito a fim de apurar o que entre nós se lê. Tais inquéritos são por natureza deficientes e velhacos, intervindo para viciá-los não só a maroteira dos negociantes como ainda a simpatia dos promotores. Além disso não provam de fato o que se lê, senão, e apenas, o que se compra. Entre

comprar livros e lê-los, vai alguma diferença. Cumpre ainda distinguir o que lêem os trezentos de Gedeão do escol nacional, do que lê a massa, os 99% do país (289).

Lobato continua sua argumentação exemplificando que a elite brasileira lê autores como Anatole France, Maupassant e Rostand enquanto que o povo “veste-se como quer e lê o que lhe sabe” (290). É nessa conjuntura que Monteiro Lobato busca romper com as tradições. Ele produz livros de qualidade para a juventude brasileira que têm como função literária divertir, fantasiar, imaginar, humorizar. Por outro lado, precisava também atender a demanda do mercado escolar e as exigências governamentais.

Por todas essas razões que, em muitos casos, a fantasia, a criatividade e a qualidade das obras literárias produzidas nessa época foram de certa forma alteradas nos trabalhos de vários escritores. Monteiro Lobato critica severamente esse tipo de produção. Ainda em seu artigo *Os livros fundamentais*, Lobato sugere que:

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de leituras didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices. Tiradentes, bandeirantes, Henrique Dias, etc. Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considerar a leitura como um instrumento de suplício. A pátria pedagógica, as coisas da pátria pedagogizada, a ininterrupta amolação duma pátria de fancaria empedagogada em estilo melodramático, e embutida a martelo num cérebro pueril que sonha acordado e, fundamento imaginativo, só pede ficção, contos de fadas, história de anõezinhos maravilhosos, “mil e uma noites”, em suma, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstração “pátria” como um castigo da pior espécie (290).

É aí que Monteiro Lobato usa a criatividade e astúcia para produzir sua obra. Ele rompe engenhosamente com os laços do mercado e o controle do Estado produzindo livros fantasiosos o suficiente para atrair o público jovem, apresentando, nada obstante, narrativas cívico-pedagógicas de acordo com as circunstâncias da ocasião e também amplia a noção de cidadania.

Contudo, em Lobato, o tiro sai pela culatra, ou seja, sua narração apresenta os aspectos cívico-pedagógicos indispensáveis para cumprir com a demanda governamental, mas Lobato manipula de tal forma sua escrita e imaginação que essa pedagogia vai além das esferas nacionalistas e manipulativas do Estado. Lobato começa a instigar através da leitura o público pueril. É através da leitura de ficção e fantasia que os leitores de Lobato se deparam com a indispensabilidade de serem bons cidadãos. Nesse caso, não apenas cidadãos no sentido estatal, e sim cidadãos críticos, participativos e conscientes do seu papel na sociedade.

Hoje em dia fala-se muito da produção literária infanto-juvenil brasileira da atualidade e dos autores premiados internacionalmente na pele de Ana Maria Machado. Porém, ainda há uma curiosidade de se descobrir quem realmente consome esses produtos editoriais. Minha hipótese sugere que a cultura popular no Brasil não instiga a leitura entre jovens e crianças e a juventude não sabe ler e/ou não consegue interpretar o texto de acordo com seu nível escolar. Nesse sentido, faz-se necessário pesquisar quem realmente consome os livros produzidos pelas editoras infanto-juvenis atuais proporcionando assim um estudo relevante para continuidade da discussão em torno da cidadania na literatura infanto-juvenil.

Outro elemento interessante a ser explorado na obra de Monteiro Lobato é a representação do popular e o racismo. Tia Nastácia, a cozinheira do sítio do Picapau amarelo, representa a cultura popular de sua era. Contudo, um estudo sobre sua representação na obra de Lobato seria muito interessante porque ela está sempre conectada a cozinha e todas suas

aventuras se limitam a preparar refeições para pessoas distintas em outros mundos, como o Minotauro em *O minotauro* (1937). Ela não evolui muito além dessa função: “sou uma pobre negra que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para dona Benta” (*Viagem ao céu*, 60). Na condição de pessoa simples, tia Nastácia é cética as novidades e não valoriza muito o conhecimento. Enquanto que Visconde de Sabugosa representa os cientistas e o erudito, tia Nastácia personifica o povo e o popular. Mas o racismo é um elemento que pode ser pesquisado através dessa personagem e seu relacionamento com as outras figuras do sítio. Às vezes Emília se expressa dubiamente em relação a tia Nastácia levando o leitor a questionar qual era a postura racial da série *Sítio do picapau amarelo*. Nos texto de Lobato percebe-se essa dualidade que muitas vezes é difícil de ser interpretada sem compreender a astúcia e esprituosidade do autor Monteiro Lobato:

Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas? (*Memórias da Emília*, 59).

Emília é uma personagem que discursa livremente, fala o que pensa doa a quem doer. Na citação acima ela não percebe por que a pele negra de tia Nastácia é sinônimo de desmerecimento entre os homens de sua sociedade sendo que as melhores coisas, numa outra esfera, a natureza por exemplo, são as vezes pretas, como a jabuticaba. Isso só pode acontecer num espaço onde não existe diferenças, principalmente em relação a cor de uma pessoa. Lobato está sutilmente criticando a sociedade brasileira pelas diferenças raciais, mas seus textos podem ser mal interpretados se não forem analisados dentro do contexto apropriado ou isoladamente.

Um outro elemento a ser pesquisado na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato é a presença do meio ambiente e os aspectos ecológicos. Lobato escreveu numa época em que a mentalidade dos homens quanto ao desenvolvimento sustentável, por exemplo, não era ainda um ultimato; por isso sua obra não apresenta muitas atitudes ecologicamente corretas:

E Pedrinho pescou mesmo. Fez amizade com dois portugueses dum barco de pesca e passou o dia no mar. E não pescou só a dúzia prometida. Pescou setenta e cinco! A' tarde, quando apareceu no brigue com aquela peixaria toda, tia Nastácia esbravejou. Tinha de salgar tudo aquilo antes de deitar-se... (*Geografia de dona Benta*, 123).

Por outro lado, esse é um aspecto presente na obra de Ana Maria Machado, que publicamente declara ter influências de Monteiro Lobato proporcionando um campo de pesquisa bastante interessante.

São várias as temáticas que poderiam ser apresentadas para análise do trabalho infanto-juvenil de Lobato. Essa tese se limitou a analisar as conexões entre os elementos educação, ficção e o desenvolvimento da cidadania concluindo que ao elaborar as histórias contidas na série *o Sítio do picapau amarelo* Lobato buscava educar o jovem leitor indo além de apenas passar informações, ele instigava a formação da cidadania. Para se desenvolver plenamente a cidadania que busca a autonomia do indivíduo, o conhecimento e manejo crítico são variáveis essenciais.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Júlia Lopes de. "A pobre cega." Histórias da nossa terra. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925. 43-46.
- Alvarez, Reynaldo Valinho. Monteiro Lobato, escritor e pedagogo. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.
- Araújo, Henry Corrêa de. Pivete. Belo Horizonte: Comunicação, 1982.
- Bueno, Eduardo. Brasil: uma história, a incrível saga de um país. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- Cavalheiro, Edgard, ed. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura Serviço de Documentação, 1955.
- DaMatta, Roberto. Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Demo, Pedro. Cidadania tutelada e cidadania assistida. Campinas: Autores Associados, 1995.
- . Política social, educação e cidadania. Magistério Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas: Papirus, 1994.
- Júlia, Francisca. "Hino à Pátria." Alma infantil. Rio de Janeiro: s.e., 1912. 172-74.
- Kline, Julie K. "From the Ground up: The Flourishing of Children's and Young Adult Literature in Brazil." Studies in Latin American Popular Culture: University of Arizona, 1995. 87. Vol. 14.
- Lobato, José Bento Monteiro. Caçadas de Pedrinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1939.
- . Cartas de amor. Obras completas: literatura geral. 1ª. ed. Vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

- . A chave do tamanho : história da maior reinação do mundo onde Emília reduz temporariamente o tamanho das criaturas humanas. Obras completas de Monteiro Lobato: 2ª Série. Literatura Infantil. 15ª. ed. Vol. 14. 44. vols. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- . Críticas e outras notas. Obras Completas de Monteiro Lobato; 1ª série: Literatura Geral. 1ª. ed. Vol. 18. 44 vols. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- . Geografia de dona Benta. Literatura Infantil: Biblioteca Pedagógica Brasileira. 3ª. ed. Vol. 22. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- . História do mundo para as crianças. 38ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- . Histórias de tia Nastácia. Obras completas de Monteiro Lobato. 15ª. ed. Vol. 11. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- . Memórias da Emília. 25ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- . O minotauro: maravilhosas aventuras dos netos de dona Benta na Grécia Antiga. 6ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1954.
- . O picapau amarelo. 17ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.
- . O Saci. 55ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . "Os livros fundamentais." A onde verde. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1969.
- . Prefácios e entrevistas. Obras Completas de Monteiro Lobato: 1ª Série. Literatura Geral. Vol. 13. 44 vols. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- . A reforma da natureza. São Paulo. 38ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . Reinações de Narizinho. 50ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . Viagem ao céu. 14ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

- Lobato, José Bento Monteiro e Miguel de Cervantes Saavedra. D. [i.e. Dom] Quixote das crianças. Literatura Infantil: Biblioteca Pedagógica Brasileira. 15ª. ed. Vol. 25. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- Lobato, José Bento Monteiro e Godofredo Rangel. A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- Machado, Ana Maria. Bisa Bia, Bisa Bel. 2ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.
- . Me in the Middle. Trans. David Unger and Merola, Caroline. Toronto: Douglas & McIntyre, 2002.
- . Na praia e no luar, tartaruga quer o mar. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- Melloni, Rosa Maria. Monteiro Lobato : a saga imaginária de uma vida. São Paulo: Plêiade, 1998.
- Monteiro, Jeronymo. 3 meses no século 81. Porto Alegre: Globo, 1947.
- . Bumba, o boneco que quis virar gente. São Paulo: Brasil, s.d.
- . Corumi, o menino selvagem. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- Nunes, Lygia Bojunga. O meu amigo pintor. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1993.
- Perrotti, Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. Coleção Educação Crítica; Série 2. 1ª. ed. São Paulo: Ícone Editora, 1986.
- Pimentel, Alberto Figueiredo. Histórias da avozinha. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1952.
- Silva, Lidiany dos Santos. "Apoio financeiro familiar e desempenho escolar dos filhos: a experiência do Distrito Federal." Relatório PIBIC/CNPq/UnB/SER. Mimeo. Universidade de Brasília, 1997.

Teixeira, Anísio, Aurélio Vianna e Priscila Fraiz, eds. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

Valente, Luiz Fernando. "Brazilian Literature and Citizenship: From Euclides da Cunha to Marcos Dias." *Luso-Brazilian Review* 38.2 (2001): 11-27.

Zilberman, Regina e Marisa Lajolo. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. Global Universitária; Série: crítica & teoria literária. São Paulo: Global, 1986.

Wikipédia a Enciclopédia Livre. Ed. Free Software Foundation, Inc. Apr. 2006. Boston. 30 Apr. 2006 <http://pt.wikisource.org/wiki/Categoria:Documentos_constitucionais>.

ENDNOTES

ⁱ Citação de Anísio Teixeira, amigo de Monteiro Lobato, publicada no livro *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Org. Aurélio Vianna e Priscila Fraiz. Rio de Janeiro: (Fundação Getúlio Vargas/Cpdoc; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986) 120.